



# MEMORIA

SOBRE A NECESSIDADE DE ABOLIR A INTRODUÇÃO

DOS

## ESCRAVOS AFRICANOS NO BRASIL;

SOBRE O MODO E CONDIÇÕES COM QUE ESTA ABOLIÇÃO  
SE DEVE FAZER;

E

SOBRE OS MEIOS DE REMEDIAR A FALTA DE BRACOS  
QUE ELA PODE OCASIONAR.

POR

JOÃO SEVERIANO MACIEL DA COSTA,

*Do Conselho de Sua Magestade, natural da Cidade Mariana em Minas Gerais.*

O F E R E C I D A

A OS

BRASILEIROS

SEUS COMPATRIOTAS.



COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1821.

2798



Rien ne met plus près de la condition des bêtes que de voir toujours des hommes libres et de ne l'être pas. De telles gens sont des ennemis naturels de la société, et leur nombre serait dangereux.

Le cri pour l'esclavage est donc le cri du luxe et de la volupté, et non pas celui de l'amour de la liberté publique.

MONTAIGNE, *Esprit des Loix* Liv. XV. Chap. 9. et 13. De l'esclavage.

*Optandum: erat quod in re adeo gravi convenirent quoquo modo inter se honestatis rationes et civiles.*

PASCOAL JOSÉ DE MELO, *Instit. Jur. Civ. Lus.* Lib. II. Tit. 1.º §. 12.  
in Not. de liberis et servis.

## ADVERTENCIA.

*E*sta Memoria esteve licenciada na tipografia do Rio de Janeiro desde 3 de Julho de 1820 até quasi Abril do corrente ano sem que lhe xegasse a sua vez. Esta advertencia é necessaria, porque muitas coisas que nela se axão forão escritas com relação ao Brasil e ao estado das coisas então, as quais não foi possível ao autor emendar. Os motivos que determinárão a composição delas subirão de quilate com a nova Organização politica da Monarquia, porque, entre outros consideraçõis, basta lembrar que mal se pôde casar uma Constituição livre com o trafico de comprar e vender homens, injurioso á humanidade. ¿E que materia mais digna da atenzão do Soberano Congresso, na qual tanto vai da prosperidade e mesmo da segurança d'aquella parte tão importante desta vastissima Monarquia?





## MEMORIA

*Sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos Africanos no Brasil; sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer; e sobre os meios de remediar a falta de braços que ella ocasionará.*

### PREAMBULO.

**E**Ra opinião corrente que á filantropia do celebre Dominico Las-Casas, Bispo de Chiapa, em favor dos Indigenas da America se devia a ideia fatal da introdução dos Africanos, por ter ele aconselhado que se substituissem estes áqueles nos trabalhos que comprehendião os Conquistadores Hespanhois. Esta opinião, fortemente combatida pelo Senador Francez, Mr. Grégoire, e ja por alguns Escriitores posteriores, principia a perder de credito. Seja o que for, é certo que os Portuguezes, conquistado o Brasil, seguirão o mesmo plano, e esta bela e vastissima Região se inundou de escravos Africanos, que hoje nos embarção. (1)

---

(1) O Senador Gregorio (antigo Bispo de Blois) em uma Memoria intitulada — *Apologie de B. de Las-Casas* — que vem no tomo 4 da *Classe das Sciencias morais e politicas do Instituto*, mostra vitoriosamente, a nosso ver, que tal conselho nunca Las-Casas dera; que é uma imputação que lhe fez Herrera, seu desalegado, copiada sem eisame pelos Escriitores posteriores, imputação desmentida pelo silencio dos contemporaneos, pelo interesse que tomou muitas vezes o mesmo Las-Casas pelos Africanos, cuja sorte deplorava energicamente, por documentos coevos que produz etc. etc. Mr. Daukion-Lavisse segue a opinião do Senador, e a sustenta (na sua Viagem á Trindade, Tabago etc. etc.).



Naqueles tempos pareceu que nada se podia fazer de melhor. Os Conquistadores não virão outra coisa senão a necessidade de aproveitar facil e prontamente os tesouros imensos que oferecia prodigamente a natureza, e abraçarão avida e cegamente os meios de o conseguir.

Na verdade, se o Brasil não aspirasse a outra coisa mais do que a ser uma Feitoria da Europa, a cavar minas, e lavrar a terra, para enviar-lhe seus metais preciosos, e as materias primeiras para alimentarem sua industria e commercio, nada mais tinha que fazer do que aumentar o numero dos seus trabalhadores á proporção do consumo dos seus productos, e isto até um ponto indefinido, conservando-se d'esta sorte na perpetua dependencia da industria Europeia.

Mas sendo o Brasil hoje uma Potencia, que ja grande, ainda na infancia, tem proporções para vir a ser um dos maiores Imperios da terra, não ha duvida que o sistema Colonial que lhe convinha até agora, não lhe convem mais, e que devemos seguir a marxa que a Politica nos ensina, para elevalo á prosperidade e grandeza que lhe marcou a Divina Providencia, a qual de certo não o dotou de tanta e tão variada riqueza, não o talhou de tantos e tão soberbos rios, não lhe abriu tantos, tão vastos e tão seguros portos, senão para desafiar a industria humana a cultivalo, e povoalo e desfrutalo. (1)

(1) O mundo parece com effeito o teatro preparado pela Divina Sabeloria com os despertadores necessarios para o homem desenvolver nele sua razão e levar seu ente á perfectibilidade da que ele é capaz, aprendendo a tirar partido das coisas creadas e acomodadas aos seus usos, donde deve resultar um profundo reconhecimento aos beneficios do Senhor e Creador de tudo. A imaginação se confunde quando pretendemos reunir n'um quadro estreito toda a existensão dos futuros destinos da America. Quando somente encaramos com o soberbo Ama-

Mas a este grande fim obsta essencialmente o sistema de trabalho por escravos, o qual offende os direitos da humanidade, faz infeliz uma parte do genero humano, põe em perpetua guerra uns com os outros homens, e paralisa a industria, que nunca pôde prosperar solidamente senão em mãos de gente livre. Ao que acresce o risco iminente e inevitavel que corre a segurança do Estado com a multiplicação indefinida d'uma população heterogenea, desligada de todo vinculo social, e por sua mesma natureza e condição, inimiga da classe livre.

Os Anglo-Americanos sentirão os inconvenientes desta população recrutada na Africa, e aproveitarão-se da sua revolução politica para embargarem o progresso d'ela; operação que rematarão com difficuldade, apesar das facilidades que lhes subministrava o seu sistema de colonisação muito diferente do nosso; ainda assim vem-se muitos escravos nas Provincias do Sul, onde ha o gosto de cultivar os generos coloniaes, e eles vem bem. (1)

Os Inglezes fizeram o mesmo, ainda que mais tarde; nas suas Colonias, e forçárão aos Francezes e Holandezes a fa-

zonas, cortando quasi todo o Continente d'Este a Oeste, lavando terrenos tao preciosos em todo genero de riquezas naturais, não podemos crer que elle fosse destinado pelo Creador para somente acarretar e precipitar no Oceano as reliquias do Reino animal e vegetal. Parece provavel que o Perú esgotará por aquele grande vehiculo suas imensas riquezas para a Europa, e que até as mercadorias Asiaticas axarão por ali uma saída que o Istmo de Panamá lhes tem até hoje denegado.

(1) Mr. Bonnet estima os escravos das Provincias do Sul desde Maryland até os confins da Luisiana em um milhão e duzentos mil — *Tableau des Etats-Unis de l'Amérique*. Paris, 1816 —; e apesar de todas as vigilancias ali se introduzem ainda por contrabando.



zerem outro tanto nas suas Colonias das Antilhas. De certo, por filantropia somente, estas duas Nações não deixarião de cultivar com escravos Africanos estas preciosas possessões; mas Inglaterra quiz decididamente a distincção d'esse sistema de trabalho, que dera nome á Martinica, Guadelupe, São Domingos e Surinam, e foi quanto bastou, empregando para isso a sua não equívoca preponderancia nas celebres convenções com que se fexou a scena dos desastres, causados pela guerra da revolução.

Portugal estava em situação muito diferente. Convindo no interesse de adotar o sistema de trabalho por braços livres, não podia convir na abolição immediata da introdução dos escravos sem preparo, e sem um praso arrasado para tomar suas medidas, sob pena de arruinar a agricultura e commercio dos seus Estados. Assim, concedeu o mais que podia conceder, e zeloso de dar provas de humanidade e filantropia, materia com que Inglaterra envolve a questão, prometeu tomar medidas para a abolição d'este commercio de homens, que ja ferira o coração do Soberano e de seus Ministros, conhecendo perfeitamente os inconvenientes d'ele.

Porem os Jornais Inglezes tem mais de uma vez anunciado que a epoca d'esta abolição total no Brasil está muito procima; e esta noticia inquieta os proprietarios, como temos observado; uns, porque intendem que o sistema de cultura por escravos é o que nos convem exclusivamente; outros, porque não vem (dizem eles) os meios prontos de substituirem novos trabalhadores aos escravos. E' preciso desabusar uns, e animar outros.

E por quanto prejuizos nacionais não se destroem com a força, senão só com as luzes, e pareceu-nos que fariamos serviço ao Rei e á Patria em comunicar, por este meio que

xega a todos; nossas fracas, mas muito sinceras reflexões sobre a materia; emprehendemos este trabalho, piqueno em volume, mas fertil e grande em resultados, e bem capaz de dar que pensar aos homens intendidos e previstos, porque trata-se de sua sorte futura e de seus filhos, da segurança, aumento e prosperidade do nosso Imperio.

Não nos é possível descermos a miudezas, como queríamos e por ventura conviria, porque não nos sobra tempo para rascunhar obra volumosa: contentamo-nos por isso em dar ideias gerais, que abirão caminho a ultteriores indagações a quem se resolver a occupar-se de tão interessante materia.

Eis aqui a marcha que seguiremos no discurso: mostraremos 1.º que o commercio dos escravos, com quanto contrario á humanidade, não é tão horrivel como o pintão seus antagonistas: 2.º examinaremos que motivos terá Inglaterra para instar com tanto afinco na abolição universal d'ele: 3.º mostraremos que a introdução dos escravos Africanos, indefinida quanto ao numero d'elles e quanto ao tempo de sua duração, é contraria á segurança e prosperidade do Estado: 4.º diremos quando deverá verificar-se a abolição total da introdução dos mesmos, e analisaremos os efeitos que naturalmente se devem esperar d'ela: 5.º indicaremos os meios pelos quais se poderá manter o nosso trabalho agricola independente dos escravos Africanos: 6.º desinvolveremos sumariamente cadaum delles: 7.º decidiremos as duas questões: 1.º se o trabalho agricola do Brasil é incompativel com as forças físicas e constituição dos trabalhadores Europeus; 2.º se a cultura e trabalhos feitos por escravos são mais lucrosos que por homens livres: 8.º diremos que providencias se darião sobre nossas possessões Africanas.



Esta simples enumeração de materias prova a importancia da obra digna da pena de tantos homens instruidos que possuímos. Seria para nós uma não piquena recompensa deste insignificante trabalho, se ele fosse capaz de tiralos a terreiro para nos communicarem suas ideias e arbitrios n'este ponto interessante, no qual são indispensaveis socorros de experiencia e prudencia de miltos. E' um tributo, e bem lisonjeiro, que pagão os homens de bem, que cultivarão seu espirito, ao Serviço do Rei e da Patria.

Confessamos ingenuamente que é este o motivo que nos animou a pegar na pena, e não o desejo de gloria literaria; sabemos que ele é nobre e louvavel, como capaz de esporear o homem a grandes e arduas emprezas literarias em proveito da sociedade, mas nem essa gloria se adquire a tão piqueno custo, nem foi esse o primeiro movimento do nosso coração quando, em conversações familiares, observámos que a opinião quasi geral, mesmo de gente instruida, dissentia absolutamente da nossa. ¿ Porque razão (eisclamava ja n'outro tempo um Filosofo) se não de attribuir todas as produções literarias a um esteril amor da gloria eisclusivamente? ¿ O amor da humanidade não é tãobem uma paixão dominante no coração do homem bem educado? ¿ Não é ele bem capaz de eiscitar o homem a reflectir e a comunicar o fruto de suas lucubrações? ¿ O doce praser e satisfação de ser util a seus semelhantes não pésa incomparavelmente mais na balança da rasão do que esse esteril amor de sobresair em conhecimentos e instrução?

## §. 1.

O commercio dos escravos, com quanto contrario á humanidade, não é tão horrivel como o figurão os seus antagonistas.

Comprar e vender homens ofende sem duvida a humanidade, porque os homens nascem livres. Mas que argumento se pôde tirar daqui? Nós sabemos, pela historia, que de todo tempo eles abusarão d'essa liberdade original, e até com ella traficão. Tais são as fraquezas, miserias e calamidades a que eles estão sujeitos sobre a terra!

Nação houve que, intendendo que uma parte dos homens nasce para servir a outra, fez entrar a escravidão na sua organização politica: Outra, intendendo que a liberdade era a moeda equivalente ao valor da vida, e que a victoria lhe dava direito á dos vencidos, fazia com eles essa comutação: Tal intendeu que o homem podia fazer parte d'um predio cultivado como os animais de trabalho, e admitiu os servos adidos á terra — *adscripti glebae* —: Estoura, intendendo que o homem pôde alienar temporariamente sua liberdade, paga as despesas de transporte aos emigrados d'outros paizes, faz certos avanços, e tem-nos como hipotecados até o resgate. Isto quanto ao mundo civilisado, porque no resto, e como na Africa mesmo, tudo são horrores, e a escravidão tem o lugar de humanidade. Que muito pois que os barbaros e ferozes Africanos, sejam transplantados de seus areais ardentes para o belo clima do Brasil, e ahí empregados no suave trabalho da agricultura? Parece-nos que a questão devia reduzir-se a saber, se eles perdem ou ganhão na transplantação.



Os antagonistas d'este commercio esagera os males dos Africanos na America, e atenua os que eles soffrem na Africa; até pretendem que a venda d'elles aos estrangeiros é a causa das guerras que se fazem mutuamente os Regulos para a pilhagem d'homens: com que alimentem o commercio exterior.

O estudo imparcial das obras d'uns e d'outros, e nossa propria experiencia, nos decidem a sustentar 1.<sup>o</sup> que o estado dos Africanos em sua triste patria (se é que este nome merece) é horrivel, porque vivendo sem asilo seguro, sem moral, sem leis, em continua guerra, e guerra de barbaros, vegetão quasi sem elevação sensivel acima dos irracionais; soffrem cruel cativoiro, e são victimas dos caprixos dos seus Despotas, a a quem pagão com a vida as mais ligeiras faltas.

2.<sup>o</sup> Que podendo ser que algumas vezes, e em alguns lugares, o commercio com os estrangeiros estimule os Regulos á maior pilhagem d'homens para venderem, é com tudo de notoriedade historica que a Africa ardeu sempre em guerras de exterminação e horrores, mesmo em pontos do territorio onde o commercio com estrangeiros é impossivel. Sabe-se mais que a facilidade de esportar os cativos feitos nas guerras tem evitado uma horrivel carnicaria humana, porque sendo ellas ordinariamente feitas por amor da segurança reciproca, o assassinato dos vencidos é de necessidade.

3.<sup>o</sup> Que sendo negavel que alguns Senhores maltratão seus escravos, tãobem o é que as leis os punem por excessos criminosos; que esses fatos perdem-se na grande maioridade dos que praticão tantos outros Senhores em favor dos seus escravos, tratando-os como homens, e olhando para eles como para uma parte principal de suas fortunas, que ninguém é tão desatinado que deseje arruinar e perder.

4.º Que por toda parte os grandes proprietários que tem estabelecimentos regulares, como os Senhores de Engenho, nutrem, vestem, curão das enfermidades seus escravos; não os obrigão a trabalhos superiores a suas forças; dão-lhes folgas para seus divertimentos, e até, conduzindo-se eles bem, os recompensão com a liberdade, e os ajudão depois a viver.

5.º Que os escravos são instruidos nos deveres da Religião quanto permite sua capacidade, e que muitos se axião, entre elles, tementes a Deus, inclinados ao bem, obedientes e afeiçoados a seus Senhores. (1)

A vista disto, em que distancia estão ja os Africanos, transplantados ao Brasil, da barbaridade em que vivem na Africa? Louvemos pois muito embora o zelo dos amigos da humanidade, que abrasados no fogo d'ella, tem advogado esta causa tão energicamente; mas eles nos perdoem se dissermos que tem visto os males do cativeiro dos Africanos na America por vidros de engrossar, e se sustentamos que a introdução d'elles deve ainda durar algum tempo entre nós por amor da causa publica. (2)

Oferece-se aqui naturalmente ao espirito o indagar que grandes motivos impellem o Governo Britanico não só a advogar a abolição universal do commercio dos escravos, senão a

---

(1) Não tomaremos sobre nós a apologia dos Holandezos, aos quaes se attribuem atrocidades contra os escravos. Não sabemos tambem até que ponto merecem credito essas accusações, tendo ja pequena confusão em relações de viajantes.

(2) Todo mundo sabe que o Abade Raynal tinha interesse no commercio dos escravos Africanos que fazião as casas de D... de Nantes, e de Sollier de Marselha. — Noticias deste genero são o melhor preservativo que se pôde applicar a moços ineptos contra o veneno oculto nas fogaças e pateticas declamações do Autores incendiarios, como o Abade Raynal.



pretender obrigar Príncipes Soberanos a consentirem prontamente n'ela. Este cisame fará o objecto do paragrafo seguinte.

§. 2.º  
*Que motivos terá o Governo Britanico para instar com tanto afueo pela abolição universal do comercio dos escravos Africanos.*

É Será mera filantropia, um puro e desinteressado desejo de ver feliz o imenso povo Africano? Pôde ser. O Governo Inglez tem mais perto de si um belo teatro para ciscercitar a filantropia, e não ciscercita. A Irlanda geme e clama, diga cadaum o que quizer da justiça das condiçõis que lhe propõe Inglaterra; e os povos da India não são filantropicamente governados, se merecem credito seus mesmos Escritores.

Muitos motivos de interesse podem descobrir-se no projeto da abolição do comercio dos escravos pelo qual tanto insta Inglaterra.

Todo mundo sabe a que ponto de prosperidade xegou a agricultura das Antilhas em mãos dos Francezes e Holandezes, que deu nome e celebridade á Martinica, Guadelupe, S. Domingos e Surinam, cujas produçõis fazião uma concurrencia ruinosa para os generos da mesma natureza tirados da India pelos Inglezes, donde resultava preponderancia commercial em favor das duas Naçõis, e facilidade de formarem uma formidavel Marinha de Guerra (que acompanha sempre a prosperidade da Mercante), a qual em mãos d'aquelas duas Naçõis riyaes e industriosas não podia deixar de inquietar os Inglezes, que pretendem dominar eisclusivamente em todos

os mares. Arruinar pois a agricultura das Antilhas em mãos estrangeiras era para Inglaterra um objeto essencial; tiralhe os braços, o meio fundamental: isso obteve. Verdade é que ela deu o exemplo em suas Colonias; com ele pôde argumentar, e não sem força, porque todo mundo sabe que uma tal mudança, e tão rapida, não podia fazer-se sem grandes sacrificios; e Inglaterra os fez. (1)

Alem disto, não é ja um segredo que Inglaterra pretende colonisar a Africa, e por um modo tão liberal, que provavelmente será obrigada a mudalo, como improprio para povos barbaros, que é preciso conduzir ao estado de civilisação por meios insensíveis e graduais. D'esta sorte abre o Governo Inglez e prepara novos mercados á industria nacional, os quais não podem deixar de ser infinitamente lucrativos em um paiz que principia, de tudo carecente, e de cujo trabalho podem tirar imensas materias primeiras para alimentarem sua industria os Inglezes fabricantes. Esta operação politica insta tanto mais, por isso que as Nações Europeias, dando uma fortissima impulsão progressiva á sua industria, consomem hoje muito menos os productos da Ingleza. Ora, o plano da colonisação da Africa é essencialmente contrariado pela continuação do commercio dos escravos com o qual estão engodados os Regulos Africanos.

Não é menos presumivel que no seu plano de dominio universal sobre o mar, o Governo Britanico procure estabelecer-se solidamente nas Costas Africanas do Atlantico, para fechar o circulo dentro do qual devem mover-se as numerosas

(1) Quem quizer ver bem desenvolvido o plano do Governo Britanico a este respeito, pode ler o Tratado de Economia politica e Commercio das Colonias de Mr. P. F. Page, obra rica em averiguações miudas e profundas.



Esquadras que tem ; capazes de avassalarem o mundo inteiro. Assim vemos que ella tem no mar do Norte Helgoland ; no Norte da America o Canadá e outras possessões consideraveis ; no Golfo do Mexico os pontos os mais importantes ; Demerary e Berbice no Continente ; no Mediterraneo Gibraltar e Malta que dominão o commercio do Levante ; Santa Helena, Serra Leoa, Cabo da Boa Esperança, e a Ilha de França, xave do commercio da India ; n'ella um Imperio imenso ; no Grande Oceano os melhores pontos, indispensaveis para entreter o commercio oriental com o Perú, o Mexico etc. ; e só lhe falta um ponto na embocadura do Rio da Prata, que é e ha-de vir a ser o vehiculo de immensa riqueza. (1)

Pôde mesmo ser que Inglaterra não veja sem receio erear-se, com o aumento da nossa agricultura, uma grande Marinha Mercante, e após d'ella a de Guerra correspondente, e isto tão rapidamente como pôde ser igualmente rapido esse aumento da agricultura com uma introdução de braços Africanos indefinida, e com a impulsão progressiva que deu ao Brasil a Presença do nosso Augusto Soberano, Pai da Patria e Protetor da industria. O Gabinete Britanico é muito previsto, e sabe preparar ou acautelar os successos muito d'antemão. O Atlantico guardado, em toda sua estensão do Norte ao Sul, pelos dois grandes Imperios Anglo-Americano e Brasileiro cujas costas banha, talvez não queira reconhecer em seu seio vastissimo Soberania esclusiva a nenhuma Nação Europeia.

Se devemos crer a historia do tempo, sabe-se que os homens de bem, ha muito, fazem votos pela abolição do

(1) Houve muito quem pensasse que a esse fim se destinava a Esquadra contra Buenos-Ayres comandada pelo General Whitelocke, cuja força de desembarque pereceu no ataque dirigido por Lord Beresford.

comercio de escravos Africanos; mas nem os bons desejos, nem os clamores da philosophia e da Religião, puderão sufocar o amor do lucro que dos braços d'elles percebão as Nações da Europa; e nem o negocio da abolição estaria tão avançado, se não fora a subversão total que soffreu aquella parte do mundo politico com a espantosa revolução que acaba de assolar.

Sabemos também que os primeiros traços para a execução d'este grande projeto devem-se ao genio vasto, sublime e previsto do immortal Pitt, varão merecedor do reconhecimento da Nação Inglesa, no seu arduo e glorioso Ministerio. Pitt previu qual seria, mais tarde mais cedo, a sorte das Colonias trabalhadas por escravos; conheceu quam precarios erão os beneficios que d'elas se tiravão por esse sistema de trabalho, em comparação dos que nascem do trabalho d'uma população livre, ainda que mais tardios; e seguro em seus calculos e combinações politicas, não hesitou em sacrificar as Colonias atuais á futura prosperidade do Imperio Britanico, proclamando a abolição do comercio dos escravos, e defendendo a introdução d'elles; d'onde resulta que adorado na Europa por seus Compatriotas, era este grande Ministro detestado pelos proprietarios das Colonias. Voltou então seus olhos penetrantes para o Continente Africano, e a colonisação e civilisação d'ele offerecerão á sua brilhante imaginação um quadro magnifico de interesses ao commercio, e de gloria para a Nação, muito acima d'esses interesses coloniais sacrificados.

Eis aqui o que sabemos. Seja porem o que for, se entta sinceramente nos planos de Inglaterra colonisar a Africa, o projeto é grande, é nobre, é digno d'uma grande Nação. Com effeito, tantos milhões d'homens ganhados para a Religião e para a brilhante sociedade das Nações civilisadas, e uma em-



preza que dilata, e faz trasbordar de praser o coração dos sinceros amigos da humanidade. Se é cobiça, se é ambição de riquezas; feliz cobiça, feliz ambição, (diríamos nós) que sabem combinar com os meios de se satisfazerem, o bem e felicidade do genero humano!!; Que bela, que nova tatica a de conquistar Nações barbaras para a civilisação com o engodo do comercio: e de saber assim aproveitar as riquezas de todo mundo!!; Que rios de sangue e lagrimas se terião poupado á especie humana, se os Conquistadores que senho-reárão Africa; Asia e America, se tivessem limitado ao co-mercio!!

Fazendo agora applicação do eisposto á nossa situação, parece-nos que, pondo de parte a perscrutação dos verdadeiros motivos que impelem a Nação Inglesa a trábalhar com tanta ancía para concluir a abolição do comercio dos escravos; devemos ocupar-nos em eisaminar se esta abolição convem ou não ao nosso territorio, para tomarmos com tempo e sizudamente as medidas adequadas. A boa Politica nos ensinã que não podendo um Estado dirijir, e comandar os sucessos á sua vontade, deve procurar tirar d'eles o melhor partido possível.

Nós entendemos, e ousamos sustentar que a introdução de escravos Africanos no Brasil, indefinida quanto ao numero d'elles e quanto ao tempo de sua duração, é contraria á segurança do Estado, e á sua prosperidade; e que, independente das solicitações do Governo Britanico, deveríamos nós mesmos procurar evitar. Eis a materia do paragrafo seguinte. A

§. 3.<sup>o</sup>  
*A introdução dos escravos Africanos, indefinida quanto ao numero deles e quanto ao tempo de sua duração, é contraria á segurança e prosperidade do Estado.*

**Q**uem olhar superficialmente para este imenso territorio ja descortinado e trabalhado; muitas e grandes Vilas fundadas; rios navegaveis frequentados; outros em vesperas de serem; uma grande agricultura propagada; ricos tesouros roubados á terra; e emfim um movimento de vida social difundido em todo o Imperio, que promete um desenvolvimento incalculavel; e souber que todo este imenso trabalho foi feito pelos braços Africanos; será tentado a concluir que a indefinida multiplicação deles é indispensavel, não só util. Mas quem conhece a marxa natural da prosperidade dos Imperios; quais são as bases solidas da sua riqueza e força; como na complicada maquina da sociedade civil tudo é ligado e combinado; pensa d'outra sorte, e através d'essa prosperidade superficial e enganadora descobre um vicio radical, cujos estragos, ainda que retardados por circunstancias particulares, nem por isso deixarão de apparecer mais tarde; e talvez por isso mesmo fação a catastrophe mais horrivel.

A verdadeira população, a que faz a solida grandeza e força d'um Imperio, não consiste em manadas de escravos negros, barbaros por nascimento, educação e genero de vida, sem pessoa civil, sem propriedade, sem interesses nem relações sociais, conduzidos unicamente pelo medo do castigo, e



por sua mesma condição inimigos dos brancos; mas sim em grande massa de Cidadãos, interessados na conservação do Estado e prosperidade nacional, e nascidos da propagação patria, favorecida por Leis sabias e justas, e por um Governo paternal.

Ha n'um Imperio, desde a xarrúa até o Trono, uma cadeia bem tecida de Cidadãos de diferentes classes e condições, os quaes, trabalhando, para assim dizer, cadaum na sua esfera, concorrem insensivelmente, e quasi sem o saberem, para o bem geral.

O Lavrador tira da terra o sustento para si e para os outros; colhe as materias primeiras que passa aos Artifices; estes as amoldão aos usos sociais, e dão-lhes novo valor; o Comerciante mete estes productos em circulação, transporta-os d'umas para outras Províncias, e mesmo aos paizes estrangeiros, d'onde nos traz o que d'eles precisamos; o Sabio estuda a natureza, furtta-lhe os segredos preciosos com que facilita e aperfeiçoa os trabalhos, e produz primores da arte; o Soldado defende o Estado e a Patria contra os inimigos que pretendem oprimi-la ou perturbala; o Ecclesiastico ensina e pratica a Religião, unica base solida da Moral; o Magistrado dirime as contendas que as paixões elevão entre seus Conciudadãos; a Nobreza rodeia o Trono, habilita-se por uma educação conveniente para servir na paz e na guerra, para derramar o sangue pelo Soberano, e dar aos piquenos os mais brilhantes cismplos d'amor e fidelidade pela sua Sagrada Pessoa. Todos são ligados pelo interesse comum, só os escravos são desligados de todo vinculo social, e por consequencia perigosos.

Em todas as Nações civilizadas é a classe do povo quem forma a grande maioria de individuos, e é por consequencia

n'essa classe que reside a força física nacional, e é d'ela que se tirão os defensores da patria. No Brasil, por effeito do maldito sistema de trabalho por escravos, a população é composta de maneira, que não ha uma classe que constitua verdadeiramente o que se xama povo; e este defeito deve infalivelmente influir muito no metodo de governo. O Clero que é bem composto, não goza todavia da consideração politica necessaria. A Nobresa, que é pouca, está no mesmo caso; de sorte que não vemos outra população senão a dos individuos que compõem a classe media entre a Nobreza e o povo, como são os empregados nos diferentes ramos do serviço publico, os occupados no commercio, os proprietarios que desfrutam seus rendimentos, e todos os que se applicão ao estudo das sciencias e artes: o resto que devia corresponder ao baixo povo, é uma enorme massa de negros escravos e de libertos, que fazem ordinariamente causa comum entre si. Com tal população, o estado não tem um apôio contra os devarios da classe media, a quem dão calor fortunas e instrução, e todo o Corpo social está á discrição d'aquella em que reside a força física. Roma teve que combater dez vezes seus escravos (que ao menos tinham outra civilisação e costumes) e venceu; S. Domingos succumbiu. « Dai-me um mapa cisato da população dos paizes trabalhados por escravos Africanos, diz Mr. de Pradt, e eu vos marcarei sem erro sensível, o dia em que eles sacudirão o jugo. » Em quanto a população estiver semeada a grandes distancias n'um vasto territorio, o mal será paleado; mas com a introdução indefinida dos Africanos, esta situação muda, e o raio nos ameaça perpendicularmente sobre a cabeça. Se a população livre cresce, cresce tãobem a dos escravos, e sempre n'uma proporção desvantajosa: porque 1.º cada ho-



mem livre não pôde dispensar ao menos um escravo, e os que se occupão d'agricultura e d'outros trabalhos lucrativos, possuem centenas: 2.<sup>o</sup> porque a classe livre aumenta-se pelo meio lento da propagação, e os escravos recrutão-se por milhares nas Costas d'Africa. Assim vemos que a proporção, em S. Domingos, era de 250000 brancos contra 500000 escravos; na Guyana Franceza, onde a introdução d'eles sempre foi mingualdissima, é de 907 contra 11791; e do Brasil sabemos, que em 1798 os brancos erão 800000 e os escravos 1:500000. Este calculo não pode ser eisato quanto ao Brasil, pois sabe todo mundo que os meios por que se fazem tais recenseamentos são muito faliveis. (1) Hoje depois da passagem da Corte para o Rio de Janeiro, pôde-se calcular o número dos brancos em um milhão, e o dos escravos em mais de dois. Ora, supondo que a população cresceria somente n'esta mesma proporção, (o que não é provavel vista a impulsão que tem recebido a industria n'estes ultimos anos) assim mesmo veria-

(1) O nosso respeitavel Sabio o Sr. José Correia da Serra citado pelo Barão de Humboldt, foi quem communicou este calculo, fundado no recenseamento d'aquelle ano que não se publicou. O Sr. Dr. Francisco Pereira Santa Apollonia, natural de Minas Gerais, Chantre na Cathedral de Mariana, varão benemerito pelo seu saber, e sollicito investigador das coisas da Patria, communicou-nos um mapa statistico circumstanciado, e bem fundamentado, onde a população geral do Brasil é elevada a 3:250000 habitantes, a saber:

Branços . . . . .	110100000
Indios . . . . .	2500000
Libertos . . . . .	460000
Pardos escravos . . . . .	2210000
Negros escravos . . . . .	13610000
Total . . . . .	3:2500000

O calculo de 1798 não comprehende senão brancos e negros. Podem-se conciliar um com o outro.

mos, em breve, a África transplantada para o Brasil, e a classe escrava nos termos da mais decidida preponderancia. Que faremos pois nós desta maioridade de população heterogenea, incompativel com os brancos, antes inimiga declarada?

Se felizes circunstancias tem até agora afastado das nossas raias a empestada atmosfera que derramou ideias contagiosas de liberdade e quimerica igualdade nas cabeças dos Africanos das Colonias Francezas, que as abrasarão e perdêrão; e estaremos nós inteira e eficazmente preservados? Não. Os engrugumentos filantrópos não se cinguirão ainda; e uma récova de perdidos e insensatos, vomitados pelo Inferno, não axão outro meio de matar a fome senão vendendo blasfemias em moral e politica, desprezadas pelos homens de bem e instruidos, mas talvez aplaudidas pelo povo ignorante.

Todavia não é isto o que por ora nos assusta mais. Um contagio de ideias falsas e perigosas não ganha tão rapidamente os individuos do baixo povo, que uma boa Policia lhe não possa opor correctivos poderosos; mas o que parece de difficilimo remedio é uma insurreição subita, assoprada por um inimigo estrangeiro e poderoso, estabelecido em nossas fronteiras, e com um pendão de liberdade arvorado ante suas linhas. Este receio não é quimerico, pois que a esperiencia nos acaba de enganar que o xamado Direito das Gentes é um Proído que toma as fôrmas que lhe querem dar, e serve unicamente para quebrar a cabeça dos homens de letras. (1) Quando acontecer um tal desastre, e de que nos servirão as nossas

(1) Principalmente depois da guerra de 1740, tempo em que a Politica rompeu inteiramente com os principios da Moral, e o Mando civilisado principiou a ver os maiores escandalos politicos.



forças militares? Que resistencia faremos ao inimigo exterior, estando a braços com o interior, e composto de escravos bárbaros e ferozes? Um grande Imperio, com este lado tão fraco, será na verdade a Estatua de Nabucodonosor, de pés d'argilla.

Não passaremos revista aos horrores praticados nas Colonias Francezas, pois que o coração se furta a isso, e andão livros xeios, escritos com lagrimas. Recolha porém o Leitor todas as suas forças, e se é que pôde encarar com tal espectáculo, contemple a Ilha de São Domingos, primor da cultura colonial, a jóia preciosa das Antilhas, fumando ainda com o sacrificio de victimas humanas e innocentes. . . . Observe sem lagrimas, se pôde, dois Tronos levantados sobre os ossos de Senhores legítimos para servirem de recompensa aos Vingadores de Toussaint Louverture. . . . (1) Contemple a sangue frio, se pôde, a aprasivel Barbadas inda cuberta de luto e ensanguentada com a catastrophe eiscitada por escravos. . . .

Estas quatro linhas que de proposito não adiantamos mais, por ser materia esta que tem lugar mais proprio em nossos corações que nos escritos, decidem, a nosso ver, a questão terminantemente, e devem merecer a mais seria attenção aos habitantes do Brasil. Todas as outras considerações são subordinadas a esta, e não podem emparelhar com ela.

Corramos pois vò a esta scena de horror, e passemos a occupar-nos de outros argumentos, os quaes ainda que de grande importancia tãobem, não abafão todavia o espirito

(1) Não é sem indignação que os homens de bem observão a immoralidade com que as Nações, que podião dar fim a um tal escandalo, não só o não fazem, mas até protegem aquelles Barbaros, que vão creando um novo Argel naquelle Golfo. Eis aqui o que se xama Politica modernamente.

com tão medonhas sombras. Nós vamos examinar se a nossa industria pôde prosperar, quanto convem, em mãos de escravos.

A razão e experiencia conspirão a provar que a devemos confiar a braços livres, porque nenhum grande aperfeiçoamento se pôde esperar de homens, que trabalhando para seus Senhores, forçados, descontentes, e sem emulação, procurão unicamente fazer quanto basta para evitar o castigo, e com o menor incomodo pessoal possível. O corpo pôde ser dominado, não a vontade; e onde esta falta, morre a industria. A força pôde obrigar o escravo ao trabalho, mas a vontade não admite coação, e desgraçadamente os meios com que a dos homens livres se estimula, são inapplicaveis aos escravos. Sabemos mesmo por experiencia que os da Africa são destituidos de talento; no que são inferiores aos nossos Indios, que tem provada habilidade para officios mecanicos. (1)

O pior de tudo é que o trabalho industrial, relegado na classe dos escravos, se aviltará aos olhos da multidão, e por isso a classe livre o detestará, como acontece ja entre nós com o trabalho agricola, que na opinião geral, é só para escravos. « O trabalho, (exclama Herrenschwand justamente apaixonado) este amigo do homem, este bemfeitor da humanidade e da sociedade civil, este presente do Céu, mescabado entre os homens!!! » (2) ? E que esperança podemos ter de que

---

(1) O que dizemos da falta de talentos dos Africanos não é porque lhes attribuamos uma organização inferior á dos Europeus e mais Nações, como alguns tem avançado, mas julgamos ser efeito de causas morais que os modificão tanto na Africa como nos paizes para onde são vendidos.

(2) A sciencia Economico-politica nascente e tratada sem methodo até Herrenschwand axou n'ele um Geomstra. Conhecemos d'ele — *Discoursa fondamentals*.



prosperar a industria em um paiz onde o trabalho, alma d'ela e de toda riqueza, é infamante e indecoroso?

A historia dos progressos da industria nos tempos feudais mostra bem claramente que a condição servil dos homens lhe opõe grandes barreiras; ora, a condição dos Africanos entre nós é muito pior, porque está no ultimo grau da escala da servidão. Os homens instruidos desejariam ver animado o trabalho no nosso Imperio pelo brio, pela emulação, pelo honesto interesse, não pelo castigo corporal, que é a mola que move os escravos. Quem poderá preferir aos motivos morais que animam o povo industrioso de Inglaterra, os vergalhos que fazem trabalhar os cativos em Argel?

Nem se diga que o Brasil não deve occupar-se tão cedo de industria, antes deve ser ainda muito tempo puramente agricola, com o fundamento de não estar ainda a agricultura generalizada em todo seu imenso territorio, e de estarmos nós

---

*sur la population — Economie politique et moral de l'espece humaine — Adresse aux vrais hommes de bien — Discours sur le commerce extérieur — Discours sur la division des terres.* — Em todos estes escritos é admiravel a precisão e ligação de ideias e principios, e como tais, apesar da apaixonada censura do *Critical Review* — são citados com respeito por Mrs. Ganilh, Arnoold e outros. Seu estilo é arido e fatigante, como elle mesmo reconhece, pela natureza do metodo matematico. Arrastado pela força do sistema, não via as vantagens do commercio exterior, e concluiu dando preferencia quasi esclusiva ao interior, o que é erro grave, e com tudo não destroe o merecimento de suas obras. Persuadido que axára um nexa necessario entre a Economia-politica, como elle a concebe, e os destinos do homem sobre a terra, tomou o tom d'um inspirado que vem anunciar verdades superiores a capacidade comum dos homens, o que lhe escitou censuras justas, e elle buscou evitar, por conselho d'amigos, na Obra — *Adresse aux vrais hommes de bien.* — Não se tome por afecção o fazermos e darmos nosso juizo sobre os diferentes autores, porque a mocidade ganha nisso; um homem lido, falando do mesmo Herrenschrwand, nos disse que era confuso e sem metodo.

ainda tão atrasados em conhecimentos, que não poderemos produzir generos industriais nem tão bons, nem tão baratos como os estrangeiros, sendo por isso mais proficuo compralos do que fabricalos.

Nós pensamos d'outra sorte. Uma analyse miuda da marxa da riqueza nos Estados modernos seria o meio de destruir solidamente uma doutrina tão perigosa; mas não cabendo ella nos limites d'este papel, contentar-nos-hemos com ideias geraes, resultado da analyse, que é quanto basta para os imbuidos nos principios da sciencia economica.

Primeiramente, querer separar a prosperidade da agricultura da da industria, no sistema actual das Nações civilisadas, é um engano palpavel. Uma grande Nação puramente agricola, e por consequencia escrava d'outras mais avançadas no que toca á industria, é um ente imaginario; porque não pôde haver solida grandeza sem industria e commercio; e por toda parte onde a agricultura não for apoiada e sustentada por uma industria proporcionada e progressiva, será sempre mesquinha e precaria; e as Nações que se derem exclusivamente a ella, não avançarão, nem em riqueza, nem em força, nem em civilisação. Baste para eisemplo a desgraçada Polonia, que parece ter perdido para sempre sua liberdade e independência politica.

; E que outra coisa é a agricultura mesma, isto é, a que merece este nome, senão uma filha da industria e civilisação? (1) Por tanto o meio solido e eficaz de proteger a

---

(1) *Après ce qu'on appelle les beaux-arts et les professions liberales, il n'y a peut-être pas d'emploi qui exige une aussi grande variété de connaissances et autant d'expérience; diz Smith, que é grande autoridade na materia. Este Genio Creador, que aprendendo na Escola dos Economistas Francezes, pôde elevar-se acima deles, combater e refutar os principios fundamentais de seu*



ã agricultura é proteger a industria; não ha que separar uma da outra. ; Quereis um paiz cultivado? dai-lhe fábricas, que val tanto como dizer, dai consumidores numerosos e certos aos productos da sua agricultura. Com este metodo se granjeão, cultivão e povoão estereis xarnecas e aridas montanhas.

Pretender pois que uma Nação principiante se ocupe, ao principio, da agricultura eisclusivamente, e que se não divirta para a industria senão quando o ultimo canto do seu territorio se axar cultivado, e a cultura levada á maior perfeição, é correr após d'uma quimera; é supor causa aquilo que não é senão effeito; é ignorar a marcha natural da riqueza e prosperidade das Nações modernas. Isto são principios elementares.

Verdade é, que, a respeito do Brasil, concebe-se muito bem que aumentando-se indefinidamente o numero de braços pelo mejo forçado, iniquo e impolitico da introdução dos escravos Africanos, a cultura dos generos xamados coloniais, que alimentão o commercio esterior, pôde ser levada a uma eistensão também indefinida; ; mas será por ventura essa a a prosperidade agrícola que nos convem? ; Estará ella solidamente fundada nos braços d'uma tal população? ; Serão os estrangeiros os unicos consumidores que devemos dar-lhe? ; Uma guerra, ou qualquer mudança na economia das Nações consumidoras dos nossos productos não poderão arruinar subitamente a nossa cultura? ; Uma indefinida população Africana occupada em cultivar assucar, algodão, café, cacau etc. etc.

---

sistema, não ousa separar os solidos progressos da agricultura do indispensavel apoio da industria e do commercio. Enganou-se quando affirmou que os capitais empregados na agricultura dão maiores beneficios; assim como se engana em outros muitos pontos de doutrina. Nada porem fará esquecer os assinalados serviços que lhe deve a Sciencia Economico-politica. *Facile est juvenis addere.*

em um paiz imenso e fertilissimo, não produzirá em fim uma tal quantidade d'esses generos, que inundados os mercados da Europa, haja uma consideravel depreciação? Não seremos então forçados a procurar uma nova direção aos capitais e trabalhos nacionais, e por meio de sacrificios e desordens que acarreta infalivelmente um tal estado de coisas? (1) |

Não é [por tanto a situação forçada, e com o sistema ruinoso e impolitico de trabalho por escravos adotado no Brasil, que se deve argumentar contra os principios gerais, e reconhecidos e experimentados da Sciencia; pelo contrario são elles os que nos devem arrumar para buscarmos os meios e modos de emendar sua situação actual, embaraçada e precaria: vestido á Europeia, para assim nos explicarmos, e modelar sua marcha economica pela das Nações cultas, salvo o desconto das localidades, deve ser nosso empenho e disvelo. Pretender hoje reduzir um povo inteiro ao mancio da xarrúa, (apezar da doce influencia que se attribue ao trabalho agricola no moral dos homens) é sistema errado; ao contrario, tirar da terra o maior produto possível com o menor numero de braços possível, é o grande problema pratico da Sciencia economica. A industriosa e soberba Inglaterra pôde servir-nos de modelo n'este, como em outros muitos generos, dados tãobem os descontos que pede sua particular situação.

---

(1) Agora mesmo aconteceu muitas vezes axarem-se os mercados da Europa tão obstraidos, que todos os generos do Brasil ali enviados não só não dão lucro, mas até dão perda. A imensa quantidade d'assucar e algodão da India não faz ja uma terrivel concorrência na Europa contra os productos Americanos do mesmo genero? E que será quando Caracas e Provincias adjacentes principiarem a trabalhar de veras? Que diremos dos Estados-Unidos? Em 1805 exportarão elles d'algodão indigena 57122,079 libras. (Mr. Gallatin Ministro de Finanças.)



Não somos tãohem d'opinião que preferamos comprar os produtos de manufacturas estrangeiras a fabricalos nós mesmos, pela razão de nos faltarem os meios de obtelos tão bons e tão baratos.

¿ Pois por isso que nos faltão as facilidades para obter a mesma qualidade e barateza, devemos cruzar os braços, e submeter muito resignadamente nossa perfectibilidade á dependencia das Nações mais avançadas? Seria um conselho tal bem digno d'um Fabricante Inglez. Nós dariamos outro mais Portuguez, e vem a ser: que por isso que nos faltão os meios de rivalisar com os estrangeiros na bondade e barateza dos produtos industriais, devemos empregar os maiores esforços e sacrificios para conseguilo. — Nem conhecemos escenção nenhuma a esta regra senão quando o solo patrio se negar de tal sorte á creação dos produtos que pretendemos aproveitar, que as despezas para obtelos ciscedão, sem esperança de melhoramento, os beneficios que d'eles se possão esperar. (1)

A razão fundamental desta doutrina é evidentissima, e nos parece que pôde cifrar-se em poucas palavras: é porque 1.º não pôde ser indiferente para o bem da população, riqueza e civilisação nacionais, que paguemos a estrangeiros, ainda mesmo com os produtos da nossa agricultura, os salarios e beneficios industriais que podião ficar em mãos dos nossos Compatriotas: 2.º porque ha uma suma desigualdade de interesses em fornecer materias brutas para recebelas manufacturadas. As primeiras conservão um preço quasi constante e dão por consequencia um proveito estacionario e muitas

(1) Nenhuma das Nações cultas da Europa quer o mais barato das outras em generos que podem manufacturar, e só nós é que o devemos querer?

vezes retrógrado, e as manufacturas triplicação, decuplação de valor por causa da industria. E estamos convencidos que pôde renunciar ao estudo da Sciencia economica quem não for capaz de axar no desenvolvimento d'esta proposição uma verdade fundamental.

Acresce que esse inconveniente de comprarem os consumidores nacionais mercadorias menos boas e menos baratas das nossas fabricas, não pôde ser senão passageiro, porque o o Governo, que tem sempre ante os olhos o termometro economico, vem em socorro da industria nacional pelos muiitos meios que tem á sua disposição. (1)

E' para salvar a industria nacional, ainda nascente, contra a concurrencia da estrangeira, que devem servir as Alfandegas, ou impondo direitos bem calculados, que sem destruir a emulação entre os produtores nacionais e estrangeiros, deem mais facilidades aos primeiros que aos segundos; ou prohibindo inteiramente os productos estranhos, como pratica judiciosamente Inglaterra: E' para proteger a industria nacional, ainda nascente, que o Governo Britanico descobriu as recompensas e premios, de que tem sabido tirar tão grandes vantagens pelo bem calculado valor de que os compõe, e pela discreta applicação d'elles: E' para salvar a industria nacional, ainda nascente, que o Governo deve estar continuamente d'atalaja para procurar-lhe todas as comodidades e facilidades possiveis.

---

(1) Resta ainda por decidir se é verdadeira a observação que fez Mr. Canard: « Que todas as vezes que uma Nação compra ao estrangeiro algumas mercadorias em vez de as fabricar, é porque nisso axa ventajem. » Parece-nos que seria facil mostrar que aqui se confunde a Nação com um punhado de negociantes; e em mil hipoteses podem ganhar trinta ou corenta negociantes n'um ramo de commercio aliás ruinoso á Nação.



Verdade é que contra estas restrições que se fazem nas Alfandegas, se tem novamente levantado celebres Escritores, caracterisando-as de monopolistas, porque evitão a livre concorrência das mercadorias estrangeiras, donde podia nascer a melhoria e barateza dos productos industriais em beneficio dos consumidores. Taes são, entre os mais modernos, João Baptista Say e David Ricardo, Discipulos tão dignos do grande Smith, como perigosos quando propagam alguns dos pontos erroneos da doutrina d'aquelle grande Mestre; como é o de que tratamos.

O erro nasce principalmente de se pretender applicar ao commercio de Nação para Nação a regra d'uma absoluta e illimitada liberdade, que só convem ao commercio interior de Provincia para Provincia da mesma Nação; e ja se vê que aquilo que pôde ser muito util na primeira hipotese, pôde ser muito prejudicial na segunda, e *vice versa*. Ter em vista exclusivamente o bem dos consumidores, procurando que eles não comprem senão o melhor e mais barato, importando pouco que o beneficio passe a estrangeiros ou nacionais, é manifestamente tomar uma questão tão importante, e de tão vastos resultados, por um só lado. Não se faz conta senão do interesse dos consumidores, e não valem nada os interesses dos produtores e os do Estado? Mas, se é demonstrado que da industria protegida e universalizada no territorio patrio depende a riqueza, a população e a força dos Estados modernos; como pôde caber em rasão que sejamos consumidores de industria alheia, e não produtores? Se para obter este fim importantissimo é preciso pôr limites á concorrência da industria estrangeira com a nacional, e porque o não fazemos? Se para esse mesmo fim é preciso que a Nação toda

faça um sacrificio, e porque o não fazemos? e E se o Governo empregar os meios possiveis para adiantar os conhecimentos auxiliares, de maneira que possamos cisceder, ou igualar as outras Nações, ou ao menos marxar a pouca distancia d'elas, não desaparecerão esses sacrificios, que tanta bulha fazem na cabeça dos cisagerados amigos dos consumidores? (1)

Seria curioso ver demonstrar quais são esses grandes embaraços, esses obstaculos invenciveis que temos nós para empregar, sem esperança de successo, estabelecimentos industriais. Não vemos o motivo por que não poderemos fabricar ciscelentes panos de lã, algodão, linho e sêda; que profundos conhecimentos nos falem para eistrahir, preparar e fundir o ferro das riquissimas minas que temos; para fundar cordoarias dos muitos e variados generos naturais de que abundamos; para fabricar xapeus, lonas, brins; para preparar breu, alcatrão, e aproveitar infinitas gomas e rezinas, e enfim outros muitos produtos de consumo geral e de facil manipulação; e Mas quando nos falem meios e Mestres; porque os não mandaremos vir dos estrangeiros? e Não praticão assim as mais cultas Nações, aproveitando-se mutuamente das descobertas umas das outras? Que haja escolha nos generos de manufacturas por onde principiemos, parece-nos conveniente, porque não julgamos igualmente facil e lucrativo começar por trabalhos minuciosos e complicados, e por fabricar coisas que

---

(1) A teoria tão gabada e tão plausivel d'uma livre e reciproca circulação de produtos entre todas as Nações, parece-nos muito filosofica, mas tão infeliz na applicação como o projeto da paz perpetua do filantropo Saint Pierre. Seria preciso que se estinguissem os Ciumes Nacionais; que todos os Governos seguissem uma marxa uniforme; que adotassem uma politica filantropica e cordial; e quando veremos isto no Mundo? Deos o sabe.



sirão a um luxo esquisito , e não por trabalhos mais simples e faceis , e por fabricar coisas de um consumo mais universal. Mas a digressão tem sido longa , inda que não destituída de interesse para o bem publico , e é tempo de soldarmos o fio ao discurso , e tornar ao objeto principal. (1)

Alem dos males ponderados que nos tem provindo do sistema de trabalho por escravos , a quem , senão a ele , devem as casas e fortunas do Brasil sua caducidade ? Onde estão tantas familias , que neste paiz fizeram serviços assinalados ao Estado , pelos quais merecêrão foros e grandes recompensas ? Desapparecêrão e confundirão-se na poeira do esquecimento com as riquezas precarias de que dependia a conservação de seu esplendor ; e essas riquezas acabárão , pela maior parte , por falta de escravos , que davão valor ás propriedades ; falta , que mil accidentes podião ocasionar , e de muito difficil reparação , pelo volumoso cabedal necessario para repovoar de numero sufficiente de escravos grandes propriedades , e em tempos em que a circulação de valores não podia ser consideravel. Quem haverá meamente instruido nas coisas da Patria , que não conheça a existencia do mal que deploramos ? Quem haverá tão pouco amante da sua descendencia , que não deteste um sistema de trabalho , que faz tão precaria e tão falivel a sorte futura d'ela ?

E não valerá nada , para entrar tãobem em linha de conta , o abastardamento total da bela raça d'homens Portuguezes , confundida com os titensos Africanos , cuja mistura com os primeiros é inevitavel ? E consentiremos nós que este magni-

(1) Mereceremos desculpa ao Leitor sabendo que esta opinião contra a creação de manufacturas atualmente no Brasil é muito acreditada ; e por isso pareceu-nos bom insistir sobre a materia.

fico Imperio de tal sorte se inunde da raça d'elles, que com o rodear dos anos, venha o Brasil a confundir-se com a Africa? A França no maior entusiasmo e delirio da sua igualdade Republicana, recusou admitir a propagação dos Africanos em seu scio; e nós que trabalhamos para fundar n'estas deliciosas Regiões, tão invejadas pelas outras Nações, um Reino de Congo!!! Não: os nossos Compatriotas não serão de tal opinião. Como fideis Vassallos do Soberano que adoramos, devemos empregar todas as forças para dar ao seu Trono Glorioso valentes Cidadãos do nosso proprio sangue, daquelle que recebemos dos famosos e imortais Lusitanos, que soberão derramalo nas quatro partes do Mundo em serviço do Rei e da patria. (1)

Sem dados statisticos autenticos sobre o numero dos escravos que possuímos, por essas mesmas informações particulares que temos, e que nos parecem diminutas, podemos asseverar que ele é já assás crescido para que nos ocupemos em procurar evitar uma indefinida introdução d'elles, e para que principiemos com anticipação a tomar medidas prepara-

(1) *Fortes creantur fortibus et bonis:  
Est in juvenis, est in equis patrum,  
Virtus; nec imbellem feroces  
Progenerant aquilae columbam.*  
Hon.

Para que misturar e confundir raças? O Africano pôde ser tão homem de bem, como os Americanos, os Asiaticos e Europeus, e muitos se conhecem eiscelentes, mas conserve-se cadaum na esfera que lhe coube em sorte; nem eistremar as cores altera em nada as ventajens politicas sociais. Se um cataclismo viesse parturbar subitamente o nosso Planeta, tudo se confundiria, mas restabeleceida a ordem, a andorinha buscaria sua antiga morada, a pomba seu ninho, a aguia os altos roxedos solitarios. O mesmo passa na ordem moral.



torias para cistinguir, um dia, até o nome de escravidão entre nós. (1)

Esta reforma, com o numero de escravos que já temos, e os que devem ainda introduzir-se, talvez custe seculos de trabalho e providencias; mas nem por isso devemos desanimar, porque os individuos morrem, não as Nações; e nossos vindouros tem direito a esperar de nós um patrimonio melhorado. Eles nos cobrirão de suas bençõis, e nós viviremos imortais em sua memoria. Este sentimento de amor pelos nossos vindouros é sem duvida inspirado pelo mesmo Creador para confortar-nos e animar-nos nos trabalhos da vida, necessarios á prosperidade e felicidade do genero humano, quanto ele pôde ser feliz n'este Planeta, onde sua Mão Omnipotente o collocou. Este sentimento anima o octogenario, quando transportando-se ás idades que ele não ha-de conhecer, planta arvores cujos frutos não podem vir em seus dias. D'um lado seus Maiores, isto é, suas lembranças, fazem-no tocar os seculos passados; d'outro lado, suas esperanças, isto é, seus filhos, o transportão aos seculos por vir. Na ordem fisica, os individuos perecem; as especies são duradoiras. Na ordem social, as familias apresentão o mesmo carater.

Os grandes Legisladores souberão estender suas vistas á remota posteridade; as Nações cultas sempre a contemplão nas suas grandes emprezas, trabalhando com zelo e constancia para a futura grandeza e prosperidade nacionais. Assim o faz

(1) Estringir a introdução de escravos Africanos não é o grande ponto que mais incomodou os Americanos do Norte, mas sim o abolir a escravidão dentro do paiz: mil planos se apresentãõ, e é notavel que a opinião do celebre Jefferson era que se esportassem os negros para fora do territorio. Isto serve no nosso proposito.

a soberba (1) Inglaterra; modelo de patriotismo e de politica; assim faremos nós tãobem, destinados visivelmente pela Providencia a figurar entre os maiores Imperios da terra.

---

§. 4.º

*Do tempo que deve ainda durar a introdução dos Africanos no nosso territorio; com que condições se fará a abolição, e qual será seu resultado.*

**P**rovado que o sistema de trabalho por escravos nos não convem, segue-se examinar quando, e como se deve abolir. Fixar esta epoca não é coisa facil, como dependa de muitos dados, que não estão ao alcance d'um simples particular, e seja negocio essencialmente ligado aos planos politicos Ministeriaes, que não ousamos perscrutar. O Soberano conhece melhor que ninguem os interesses de sua poderosa Monarquia, e no seu Paternal Disvelo devemos depositar todos a mais ilimitada confiança, como é muito obrigação nossa. Seja-nos porem permitido aventurar nossas ideas, que não passam de hipoteses, que imagina quem discorre.

E' inquestionavel que sendo a nossa população branca inda muito diminuta, e estando todo nosso trabalho, em geral, confiado a braços Africanos, se nos faltasse subitamente o recrutamento d'elles, teriamos de sofrer uma desordem incal-

---

(1) Quando damos á Inglaterra o epitheto de soberba, queremos designar aquelle orgulho nacional sem o qual não ha que esperar grandes coisas. Tomáramos nós uma grande ilusão aos Portuguezes, e que elles se considerassem a primeira Nação do Mando, trabalhando para merecerem um tal titulo.



culavel. Deshabittuar os homens de coisas geralmente adotadas, e em que elles axão, ou imaginão axar seu interesse, é empreza difficilima, assim como é arduo, e mesmo perigoso, pretender dar nova direcção á industria e trabalhos d'um povo inteiro. Todas as medidas rapidas e directas são desaconselhadas pela Politica; mostrar aos homens o interesse, e aplanar os caminhos para chegarem a elle, parece ser a mola mestra da operação.

Quando o Congresso Americano, nadando em filantropia, quiz abolir por Lei geral a introdução dos Africanos em todo o seu territorio, os Estados do Sul, que se havião dado á cultura dos generos xamados Coloniaes, repugnárão nervosamente subscrever á tal medida, e propuserão e conseguirão um prazo de vinte annos. E' provavel que esta supplica fôsse calculada sobre a situação politica dos mesmos Estados, queremos dizer, que elles tivessem em vista aproveitar as despesas já avançadas com a cultura, a difficuldade de axar prontamente trabalhadores livres para substituir aos escravos, e de dar nova direcção á sua industria e trabalhos subitamente.

Ora, sabe todo mundo que aquelle paiz se axava em circumstancias muito mais favoraveis que o Brasil: Entusiasmo geral por ideias liberaes e filantropicas; grande differença no metodo de colonisação; maior população branca relativa; muito maior facilidade em adquirir povoadores estrangeiros pela natureza de sua Constituição; emfim Colonia Inglesa, isto é, uma grande povoação de Ingleses, não degenerados pela differença do clima, mas com o mesmo temperamento e energia, e participando do avançamento politico da Metropole Europeia.

Se pois, apesar de tantas ventajens, não ousou o filantropo Governo Americano abolir subitamente a introdução dos

braços Africanos nas Provincias dadas á cultura dos generos Coloniais, antes concedeu o longo praso de vinte anos; é manifesto que não podemos nós, menos avançados em conhecimentos, sem esperança bem fundada de podermos adquirir uma rapida população branca, sem outra nenhuma industria senão a cultura dos mesmos generos Coloniais, abandonar subitamente, d'um dia para outro, o sistema geralmente estabelecido do trabalho por escravos, sem nos espormos a grandes embarços e desordem universal. De certo, esse ramo unico de nossa actual industria retrogradaria, e a Nação inteira, e o Estado mesmo se ressentirão desse atrasamento; ninguém poderia calcular como nos sairiamos do embaraço, nem se poderiamos jamais recobrar o mesmo grau de superioridade que hoje temos no mercado dos generos Coloniais, principalmente quando outras Nações industriosas, como a França, e a mesma Inglaterra, concorrem connosco, e preparamos novos projectos de grande cultura.

Convindo pois na necessidade de mudar o metodo de trabalho por escravos, parece-nos todavia indispensavel que se faça a mudança de maneira que a nossa industria actual, se não aumentar, ao menos não retrograde; que haja tempo sufficiente para que os proprietarios possam cobrir-se das despezas avançadas, e para buscarem novos trabalhadores, ou darem nova direção a seus capitais, e bem assim para que as providencias auxiliares que se esperão do Governo possam produzir o fruto desejado. (1)

(1) Parece-nos muito provavel que com a nova Constituição liberal no Brasil, a população branca aumentar-se-ha rapidamente com a emigração dos Europeus; então poder-se-ha acclerar mais a abolição da introdução dos Africanos.



Seja porem qual for o praso que se fixe, findo o qual cessará a introdução dos escravos, haverá sempre medidas importantes que tomar.

E' provavel que, durante ele, o pedido de escravos aumente consideravelmente, e que o amor do ganho estimule os especuladores d'este genero de comercio a introduzir tão grande numero d'elles, que o mal que receamos d'uma ciscensiva população escrava, e tanto mais perigosa quanto introduzida como d'aluvião, haja de verificar-se. Conviria por tanto fixar o numero de individuos que fosse permitido introduzir cad'ano, calculado de modo que, findo o praso, nos não axassemos embaraçados com uma tal população muito desproporcionada.

Supondo v. gr. que se fixava o praso de 20 anos; não admitiriamos em cadaúm senão de 25 a 30 mil escravos; desta sorte, findo o praso, teriamos, dando desconto á mortalidade, entre quatrocentos e quinhentos mil sobre os que ja temos; numero, que sendo na verdade mui crescido, é ainda suportavel vista a grande cistensão do nosso territorio. (1)

Seria porem necessario, para atenuar o mal que nos ameaça, fazer dos individuos cad'ano introduzidos uma judiciousa distribuição pelas diferentes Capitanias á proporção de sua cistensão, e trabalho de seus habitantes, vedando absolutamente a accumulção d'elles nas Vilas e Cidades maritimas. O motivo d'esta providencia apparece por si mesmo.

(1) O Barão d'Humboldt que dá aos Estados-Unidos um milhão somente de escravos, que diz ser o 6.º da população livre, assim mesmo já considera embaraçados os mesmos Estados. *Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle Espagne*. Livro 1.º Chap. 1. pag. 221.

Parece-nos que nesta distribuição deveria ser menos aquinhoada quanto fosse possível a Capitania Geral do Rio Grande do Sul. A natureza do seu clima, o genero de industria de seus habitantes, que consiste em crear o gado grosso cuja carne cisportão, e em cultivar os Cereais, estão clamando que ella seja a primeira vestida á Europeia; que para ella se mandem Colonias de trabalhadores Europeus; e que n'ella se adote a marxa economica que seguem as Nações cultas. Se a imaginação nos não ilude, temos esperanza que a dita Capitania, protegida, se elevará a um ponto de prosperidade invejado pelas outras.

Os que nos atroão as orelhas com planos para aumento da nossa agricultura, e enganados talvez com o aparato de grande numero de embarcações que vem buscar nosso algodão e outras materias brutas, assentão que marxamos para uma solida prosperidade, levarão muito a mal esta restrição no numero dos escravos importados cad'ano, como um meio de restrinjr tãobem o aumento da cultura que desejo aumentada.

A resposta está dada nos principios que temos desenvolvido até aqui. Separai (diriamos nós) do progresso da vossa agricultura (tal qual ella é) os males horriveis do sistema de trabalho por escravos, e nós vos daremos uma liberdade indefinida de aumentala. Mas sendo, como são, duas coisas inseparaveis, é um dever imperioso da Politica proscrever esse sistema perigoso, e ocupar-se em buscar os meios adequados para xegar a uma solida prosperidade. A força do mal é tão grande, a nossos olhos, que parece absorver todas as outras considerações de interesses e ventajens secundarios.

E porque temos visto tanta gente, mesmo da classe instruida, cistasiar-se com o progresso da nossa cultura actual, somos tentados a fazer sobre ella algumas observações,



Sabemos todos que o primeiro e principal objeto da agricultura deve ser a subsistencia nacional, e que nenhuma Nação, podendo-a tirar do seu proprio territorio, deve confiar aos acasos do commercio esterior: Sabemos igualmente que o assucar, café, algodão etc. podem produzir dinheiro, mas não servem de alimento, e que a cobiça daquele tem de tal modo ganhado os agricultores do Brasil, que occupados unicamente na cultura dos generos commerciaes, abandonão inteiramente a dos viveres necessarios á vida; donde resulta que a maior parte da nossa subsistencia, em pão, nos venha do estrangeiro, e seja por isso estremamente precaria. A mandioca mesmo, que é o pão da plebe e da escravatura, não é cultivada pelos grandes proprietarios, e por isso qualquer accidente na regularidade das Estações produz uma fome devastadora, de que tem sido vitima frequentes vezes a bela Provincia Paranambucana.

Perguntariamos nós agora, se esta direção da nossa agricultura para os generos commerciaes ilimitada merece uma proteção absoluta e irrefletida. Póde o povo soffrer privações em todo genero, mas sem alimento não se vive, e cada individuo d'uma Nação ha-de por força ter seu quinhão de alimento, e o Estado deve necessariamente segurar-lho. Não seria pois conveniente quartar essa imoderada tendencia para a agricultura, quasi esclusiva, dos generos de commercio esterno, e dirijila para a cultura dos cereaes e mesmo dos legumes, que fazem por toda parte a base da subsistencia da grande maioridade do povo, segurando-a no nosso territorio, e derramandò sobre ele as somas imensas que nos levão estrangeiros? Milhões de braços occupados com entusiasmo em lavrar a terra para alimentarem o luxo ciquisito e as

manufaturas da Europa , pagando ao estrangeiro o pão de que vivem , e cispostos a morrerem de fome , é das maiores cistragancias que pôde conceber o espirito humano. A leitura da interessante Obra do Professor Malthus desenganará os incredulos na materia. (1)

Sabemos tãobem que o amor do ganho tem arrastado um povo imenso á cultura do algodão. ; Mas como se faz ella ? Uma caterva de vagabundos , n'ítas vezes sem bastantes braços para aproveitarem as colheitas que preparão , tem feito uma calamitosa irrução contra matas riquissimas , e as tem devastado , para fazerem roçados , que abandonão depois das primeiras colheitas. Madeiras de construção , de marceneria , de tinturaria preciosas , como a do Páu Brasil , tem sido derribadas e condenadas ao fogo pelas barbaras mãos da populaça em uma imensa cistensão , e em todas as Capitánias , principalmente nas de Paranambuco e Paraíba do Norte. São raros os cultivadores que escolhem terreno , n'ele se fixão , e procurão tirar d'ele por meio do estudo e da cisperiencia o partido possível ; os mesmos que obtem Sesmarias , em quanto ha matas que derribar , fazem todos os anos novos roçados. Por tal metodo jamais a cultura se aperfeiçoará , porque o homem não emprega diligencia alguma , e tudo é obra da natureza ; e em poucos anos o paiz apresentará um aspeto cadaverico , se nos podemos cisplicar assim , como já acontece em algumas Capitánias ; não teremos dado um só passo para a perfeição da agricultura ; nem teremos creado aquella porção de povo , que

(1) *An Essay on the principle of population*. Obra cheia de preciosas discussões e de sumo trabalho , mas com principios erroneos sobre a formação da riqueza , e contrarios á doutrina de Smith , que deu neste ponto grandes passos.



ligado á terra pelo amor do trabalho e do suor n'ela derramado, forma por toda a Europa a população mais solida e vigorosa. E esta agricultura, (se tal nome merece) grosseira, vagabunda e devastadora, será por ventura a que nos convem, e a que devemos proteger tão absoluta e indistintamente? Ninguem o dirá.

Ora, a respeito da agricultura (figura-se-nos que dirão os racionadores) embora dispensaremos os braços dos Africanos, porem a respeito das minas, força é que se abandonem de todo. Não pensamos d'este modo; somos de acôrdo, com os homens entendidos na materia, que uma reforma geral deve empregar novo metodo de mineração dirijido por mãos habeis, sem o que tal ramo d'industria, inteiramente dependente do acaso, e sem o auxilio das infinitas invenções que facilitão o trabalho, e simplificação as operações, será sempre ruinoso para quem o emprehender.

Feita esta reforma, não nos inquietaria o receio de falta de braços, porque nenhuma duvida há em empregarmos os Europeus n'este genero de trabalho ja cultivado e aperfeiçoado na Europa. Não vemos tãobem a razão por que não tiraremos grande partido dos braços dos nossos Indigenas, que não são menos robustos que os Mexicanos, sobre os quais pésa todo o trabalho da mineração. São bem conhecidos os n'ele empregados com o nome de *Tenateros*: os quais, segundo afirma Mr. de Humboldt, são tão robustos que aguentão, cinco, seis horas a fio, o peso de 225 a 350 libras; fato que desmente a opinião d'alguns Escriitores que declamão sobre a degeneração da nossa Especie na Zona torrida, e a incapacidade dos Indigenas para trabalhos penosos. Alem disto imensos anos ainda depois de cessar a introdução dos Africanos durará a raça

erioula d'elles, igualmente robusta, e ja afeita ao trabalho; o caso está sabela conservar e adiantar.

Nem somos da opinião de muiros que pensão que o territorio da riquissima Capitania das Minas seria melhor aproveitado com a agricultura, levando a eisageração até o ponto de julgarem perniciosa a eistração do oiro. Esta opinião xeira ainda a encanecida doutrina dos Economistas, que não concebião riqueza fóra dos produtos da agricultura; opinião que, depois de Smith, seria ociosidade refutar.

O interesse da eistração dos metais é reconhecido universalmente; mas é desgraça que os homens correndo cegamente após dos metais preciosos, desprezem a eistração dos outros, não menos interessantes, e alguns até indispensaveis aos usos da vida, como o ferro; e que seja preciso que os nossos Antípodas no-lo-venhão trazer para eistrahirmos o mesmo oiro, tendo-o nós em quantidade prodigiosa até junto ãa minas d'aquela metal precioso.

Alem disto a lavra dos metais não eisclue a agricultura, e o Mexico nos oferece d'isto uma prova incontrastavel. Ali os Mineiros são por toda parte acompanhados pelos Agricultores, porque estes axão consumidores certos e numerosos na gente imensa empregada na mineração. Enganar-se-ha grosseiramente quem pensar que as minas do Mexico são as fontes principais de sua riqueza, porque realmente ele tem uma agricultura imensa, que obteve um melhoramento sensivel dos fins do seculo passado para cá, a qual não é fundada em produções a que o luxo Europeu tem assinado um valor arbitrario e variavel, mas sim na cultura dos cereais e d'outros generos que servem para a subsistencia. O mesmo se principia a praticar na Capitania de Minas, e a sua agricultura marxa



progressivamente, importando já nesta Capital não só materias primeiras para o commercio, senão infinitos e variados generos de subsistencia.

D'onde se infere que não são as minas que empobrecem o paiz, mas a falta de metodo na lavra delas. O que nos affiiz é ver que nem a cisperiencia da desgraça universal, nem os clamores dos homens intruidos tenham podido desenganar os Mineiros, e fazer-lhes sentir que sendo a mineração uma arte e complicada, são indispensaveis para ella conhecimentos teoricos. (1) E este é o caso em que uma escola de mineração n'aquella Capitania seria muito proveitosa, e mereceria o eterno reconhecimento de seus habitantes. Os Mexicanos conhecêrão esta ventajem. (2)

(1) D'esta obstinação se queixa em uma Memoria apresentada á Academia o B. d'Eschwege, que acompanhou ao nosso illustre Sabio o Sr. Desembargador José Bonifacio d'Andrade quando veio crear a Cadeira de Metalurgia em Coimbra, e com elle estudou.

(2) Depois de escrita esta Memoria tivemos occasião de viajar pelo centro aurifero de Minas Gerais nossa Patria que deixamos havia 35 anos, e julgamos que não desagradará a quem a não conhece um quadro breve do que axámos. Tudo alli é admiravel: o clima delicioso, o terreno fertilissimo e capaz de todas as produções das outras partes do mundo: a riqueza em todo genero de metais imensa, o ferro é o dominante: ha muitas e varias pedras preciosas até o diamante, o qual se axa em muitos outros lugares além do Sêro do Frio. Ocorre ao observador o paralelo entre este paiz e o Mexico e Perú; nestes porem a Natureza trabalhou mais em grande; tudo alli é colossal e inspira uma admiração respeitosa. Nas Minas Gerais ao contrario a Natureza é amena e risonha; a riqueza dos 3 Reinos mais variada; não ha essas montanhas que parecem conspiradas contra o Ceo, vomitando torrentes de fogo e fumo na região das nuvens, não ha terremotos nem memoria deles e nem vestigios recentes.

A agricultura tem tido um aumento de espantar, e duas mil bestas muaras, ao menos, andão empregadas no commercio do Rio de Janeiro com o interior. Algodão em pluma e tecido, o café, a sola, o tabaco, as carnes de porco a

Remataremos a materia dos resultados da abolição da introdução dos Africanos observando que, com providencias ade-

outros viveres, são os principais generos que remetem as Minas em trócos dos generos Europeus que recebem do Rio; o gado vacum é hoje tãobem um dos generos mais lucrosos, criado nas belas e immensas campinas de S. João d'ElRei e visinhanças. D'onde resulta que as Minas recebem já da Capital um saldo volumoso em numerario.

A industria principia, mas luta com as difficuldades inseparaveis de um paiz falto de capitais e que tudo recebe do estrangeiro. Consomem-se todavia muitos tecidos d'algodão como fustões, metins, gangas, toalhas de meza, panos de lã, xapeus, obra de fabricas Mineiras, as quais se servem de muitas tintas minerais e vegetais desconhecidas na Europa. Há 5 ou 6 Fabricas de ferro, umas que trabalho ja, outras que principião; a mais famosa é a que fundou junto ao Sabará Mr. de Monlevad, habil quimico, estimado dos habitantes por sua condota e pela generosa franqueza com que comunica suas ideias aos que deseão instruir-se, como nos informou, entre outros, o Sr. Manuel José Pires da Silva Pontes, que está muito rico em conhecimentos minerologicos e metalurgicos.

Quanto á eistração do ouro, é este um dos ramos que estão em decadencia, e a falta de braços é a principal causa. O alto preço a que tem subido os escravos, a mortalidade deles por erros de hygiene, o pouco cuidado da propagação domestica deles e da mocidade crioula, e emfim a divisão das kumílias, produzem esse grande mal.

Faltão tãobem aos Mineiros os conhecimentos necessarios, inda que eles se supõem assás instruidos. Não vimos trabalhos que annunciassem ideias de Mecanica e Hidraulica que tanto os simplifiquem e abreviãõ; ao contrario, apparecendo difficuldades ou para acompanhar os veiros e filões, ou para sustentar as terras caidicas, ou para esgotar as aguas quando são abundantes, abandonão-se ricas lavras. Do Metalurgica não ha nem as ideias mais triviaes. Os Mineiros não conhecem senão o ouro que veem, e nem ao menos empregão o Mercurio, de maneira que perdem uma incrível riqueza que não veem. A mesma apuração e lavagem é feita pelo metodo o mais grosseiro. Na rica lavra do Sr. Padre Antonio Pereira de Freitas, nosso amigo, e um dos mais ricos Mineiros talvez de toda a Comarca de Sabará, um vizinho vive somente de aproveitar as areias que o dito Sr. abandona depois de bem lavadas e apuradas.

Seria nossa opinião que na distribuição que propomos dos escravos introduzidos de novo pelas difrentes Provincias, a de Minas fosse a mais bem aquinhoada, para ficar a agricultura para os novos trabalhadores Europeus que procurarem o Brasil.



quadas, a diminuição, e a falta mesmo deles, poderia produzir assinaladas ventajens para a nossa industria, e isto por uma saudavel reacção do genio industrioso da Nação Portuguesa.

Quando uma Nação tem capitais e xega a saborear os beneficios da industria e do commercio, o amor do ganho faz prodigios: os obstaculos e dificuldades se atenuão, os beneficios se cisagerão, e como torrente que represada, filtra, rompe e abate as barreiras, assim a industria animada e inquieta corre todo o mundo, vai buscar interesses por toda parte, e toma infinitas direcções lucrativas. Daqui nasce que os mesmos impostos, (que J. B. Say diz serem sempre um mal) quando são bem escolhidos e assentados em um povo industrioso, em vez de paralisar, promovem a industria, em rasão do esforço que fazem os contribuintes para pagalos sem incomodo. Assim vemos tãobem que onde a vida se ganha facilmente, ahi está o Reino da Priguiça.

Ora, cessando a facilidade eistrema que ha entre nós de cultivar os generos comerciais, porque nada mais é necessario que comprar negros, abater matos, queimar, plantar e colher, provavelmente os Capitalistas procurarão novo emprego a seus fundos, e a industria ganharia mûito; e nós ja vimos que esta nova direcção seria d'um proveito mais solido e mais conveniente á prosperidade nacional, e não ha para que repetir demonstrações.

Acrescentaremos somente que a creação d'uma industria nacional nos parece o unico e solido meio de ligar a indispensavel communicacão entre as diferentes capitaniaes. ¿ Onde se viu jamais um corpo social sem um movimento e jogo harmonico entre todas as suas partes? As Provincias d'uma

Imperio reunidas fazem a força d'ele ; entretanto vemos que as do Brasil sem mutuas rclações sociais, trabalhando cadauma na agricultura do seu territorio, não conhecem outros mercados, nem outros consumidores senão os da Europa. O commercio de Cabotagem, que foi sempre a melhor escola para crear uma grande Marinha, é quasi nenhum, e apenas a população crescente da Capital, com a presença da Côrte, atrahé para o seu porto dos circumvizinhos as coisas necessarias á vida. Não aconteceria porem assim se em cadauma das Capitánias se creassem manufacturas diferentes com judiciousa escolha, que alimentassem uma troca reciproca, já que quasi todas possuem os mesmos productos agricolas. Assim as fabricas d'algodoaria pertencerião a Paranambuco ; as dos diferentes linhos para fornecerem cordas e velame á Marinha, se estabelecerião na Capitania Geral de Portalegre ; o Pará daria em troca seu cacáu, seu estimadissimo café da Vigia, seus ciscelentes azeites de tartaruga e d'andiroba etc. etc., e este mutuo commercio interno, absolutamente livre e favorecido, daria uma nova impulsão e vida ao nosso vastissimo Continente, e nós deixaríamos de ser os Colonos da Europa (1).

---

(1) Os imensos e increíveis recursos pecuniarios que apresentou a soberba Inglaterra durante a revolução Franceza, ao passo que as mais vastas e poderosas Monarquias Continentais se exavão esgotadas, desenganarão aos Soberanos d'elas que não se podem sustentar guerras sem muitos teares, porque é com eles que o Povo, xamado *Mercador*, salvou a independencia da Europa. Hoje que por toda parte a industria tem recebido uma estraordinaria impulsão progressiva, é indispensavel que a Europa procure novos mercados. A prevista Inglaterra os busca e prepara por toda a parte onde ha homens e seus navios podem abordar ; as outras Nações vão atraz. O Canadá, os Estados-Unidos mesmo, as Antilhas, a America Hespanhola de ambos os mares, o Brasil, a Asia, a Africa, serão os teatros onde se debaterá a industria Europeia para obter preferencias. O Brasil



## §. 5.º

*Por que meios se poderá manter o nosso trabalho agrícola independente dos braços dos escravos Africanos.*

Somos xegados á grande difficuldade, que é axar braços para substituir aos dos Africanos. Nós presentimos que este artigo será o primeiro buscado, e o primeiro lido pelos curiosos. « Vejamos se o autor sabe tão bem edificar como destruir, » será a linguagem comum. Os proprietarios acostumados ao recrutamento facil e pronto dos escravos no grande viveiro d'Africa, quererão uma substituição de trabalhadores livres, igualmente facil e pronta. Todos os meios indicados que não enxerem estas duas condições serão julgados quimericos, e o autor d'elles tratado despidadamente de entusiasta e projectista temerario. Assim pensará o comum dos Leitores, não os homens instruidos.

Primeiramente, não se trata aqui d'um projecto que aconselhe; trata se d'um mal que é preciso evitar: Pede o bem do Estado que cesse a introdução dos escravos Africanos, e

---

é que oferece uma Mina de mais variada riqueza, e mais facil de lavar, pela sua ventajosa posição geographica, mansidão de suas costas, segurança de seus portos, salubridade de seu clima, e a tranquillidade politica de que goza e gozará. As Nações que conhecem seus interesses, ambicionão nossa aliança; e admira que a França, a quem tantos motivos politicos forção a unir-se estreitamente conosco, se tenha disso descuidado. Entretanto é preciso que façamos força para repelir o jugo industrial que nos preparam as Nações cultas, e saibamos tirar partido da concorrência delas no nosso mercado, até que nossa industria nos faça independentes.

procurão-se os meios de remediar a falta que este successo deve ocasionar : esta consideração somente altera essencialmente o estado da questão.

Não tendo outros meios de que nos ajudemos senão os que estão ao alcance da humanidade , pede a razão que nos acomodemos com eles , e que não esperemos milagres nas obras dos homens. Bem pelo contrario, qual é a obra d'elles em que não appareça o ferrête da nossa fragilidade ?

De certo , não temos um viveiro d'homens livres d'onde mandemos buscar a trôco de barrís d'agua ardente , pacotes de tabaco , carapuças encarnadas e outros artigos d'esta qualidade, os trabalhadores de que precisamos; é necessario atrahilos pelos meios que fazem obrar o homem livre, que de necessidade hão-de ser lentos e tardios, mas por isso mesmo mais seguros e duradoiros , como nunca serão os que forem filhos da violencia e da força. A eiperiencia, nossa melhor mestra em arranjamientos politicos, ja nos tem posto de prevenção bem fundada contra grandes prosperidades feitas repentinamente, e contra os projetistas que as inculcão e afianção. Demolir um edificio é facil, reconstruilo, difficil: desmoralisar uma Nação, pronto; levantar os costumes descuidados, tardio: a descida para o mal suave, a subida para o bem, agra e escabrosa; o *tardiora sunt remedia quam mala* do grande Tacito, é uma eterna verdade em Politica.

E nem nos amesquinemos pelos embaraços em que nos axamos, attribuindo-os somente á falta de conhecimentos, como é mania muito ordinaria. Os Anglo-Americanos trabalharão muito n'esta mesma materia, e apparecerão planos de toda estôfa. E não vimos nós as Nações que supomos mais cultas, ás cabeçadas, e engatinhando como crianças, sem



saberem de que modo organisarão um Governo? Tudo quanto possuem hoje de melhor as que tanto gabão suas instituições, comprãrão carissimo, e devemno á mão do tempo e da experiencia, e não a theorias.

Suponhamos que nossa posição era ao principio embaraçada, (o que não esperamos que aconteça) os embaraços não podem ser duraveis, nem terão proporção nenhuma com a habilidade, genio creador, e constancia da Nação Portugueza, principalmente quando ella tem para desenvolver sua industria um tão vasto, tão fertil e tão rico territorio. Os seus fastos espantosos conservão a memoria das virtudes heroicas que lhe attribuímos, nos quais pôde sem escrupulo, nem pendão de vangloria, rever-se e pavoncar-se. Busquemos de coração os meios de nos tirarmos do passo difficil em que nos axamos, e pôde-se afiançar que não só sairemos com a empreza, senão que os resultados irão muito além das esperanças.

Com este longo preparatorio, tendente a atenuar a sofreguidão dos que pretenderem uma nova ordem de coisas d'um dia para outro, como se mudão rapidamente as vistas d'um teatro, passemos a examinar por que meios poderemos manter o nosso trabalho agricola independente do recrutamento dos Africanos.

Lembrão-nos quatro : 1.º poupar os escravos existentes, e promover a propagação entre elles ;

2.º inspirar o amor do trabalho nos homens livres da classe do povo de todas as cores, e forçalos mesmo a isso ;

3.º empregar os povos Indigenas, tanto os que ja estão avilados, como os que se puderem atrahir ;

4.º procurar trabalhadores Europeus.

Cadaum d'estes artigos daria materia para longas paginas, e seria mesmo proveitoso desenvolvêla ; mas não o permite

a estreiteza do discurso, e por tanto contentar-nos-hemos com propor idcias mūito gerais.

---

§. 6.º

*Eisposição sumaria de cadaum dos meios indicados.*

ARTIGO 1.º **P** *Onpar os escravos, e promover entre eles o casamento.* Não é difficil de conceber quanto ganharião os Senhores se os escravos xegassem vigorosos ao termo da vida que vivemos hoje comumente. Vinte anos de bom trabalho que dēsse cadaum, avultaria muito. Mas n'esta materia não é só o interesse que nós devemos consultar, porque a humanidade e a Religião nos impõem rigorosa obrigação de tratar bem nossos semelhantes: os escravos são homens, e filhos do Creador de tudo.

A perda annual d'eles é calculada nas Antilhas, e mesmo no Continente, a 6 e 7 por cento; perda enorme, e que uma severa Policia poderia diminuir mūito, principalmente em paizes onde não ha molestias endemicas. Assim mesmo, a população escrava durará mūitos anos depois da abolição total d'ela. Para isto porem seria preciso tomar medidas ajustadas e severas.

O primeiro objeto digno da mais escrupulosa vigilancia o tratamento dos recém-xegados d'Africa, desembarcando-os para Lazaretos preparados, vigiados e administrados por Professores habéis e zelosos. Conservar os doentes a bordo é condenalos á morte certa, como deve ter mostrado a



experiencia. Mas neste genero , pela sua importancia , seria preciso que a Policia nada deixasse ao interesse particular sómente , antes tudo vigiasse e resistasse. Toda despeza para um fim tão sagrado é uma divida rigorosa , mas é preciso que ella não seja distrahida do seu verdadeiro destino , aliás tais estabelecimentos degenerão em meros beneficios para os Empregados. ¿ E que melhores proporções se podem descobrir do que as do porto desta soberba Capital , todo semeado de Ilhotas , a boa distancia umas das outras , e cobertas de verdura ? O que se chama aqui Lazareto não passa d'um mero Resisto de entrada , e em cistremo dispendioso para beneficio de particulares. Com todas as forças do nosso coração xamamos a attenção do Governo para regular a policia do transporte dos Africanos e sua introdução em nossos portos.

Passando os escravos ás mãos dos particulares , novos cuidados se apresentão. E' necessario saber graduar-lhes os trabalhos em quanto não se habituão , e nunca obrigarlos aos que são superiores á força comum dos homens ; nutrilos e vestilos bem , e tratalos em suas enfermidades , e vigiar que se não deem á libertinagem e ás bebidas espirituosas.

Preferimos o trabalho por taxa ou tarefa. O escravo a quem se marca o seu trabalho diario , gosa d'uma especie de liberdade , e anima-se com a esperanza de ter , por seu , o tempo que lhe sobra , e por isso trabalha com desabafo e mais de vontade , com tanto que a tarefa seja arrasoadá. Esta é a pratica geral nas Colonias estrangeiras , confirmada pela experiencia.

O alimento deve ser succulento ; e provão melhor os legumes , intermeados com a carne. A sêca preparada no Sul é escisclente , e val muito mais que a do Norte em salmoira.

Em falta de vinho, é indispensavel uma ração moderada d'aguardente de cana.

Deve-se proscriver, como ruinosa e sujeita a pessimas consequencias, a pratica de deixarem os Senhores aos escravos o cuidado de se alimentarem e vestirem, dando-lhes para isso um dia livre na semana; porque em uns a priguica, em outros a inhabilidade, e na maior parte a libertinagem, são causa que elles não cùltivem os viveres, e roubem o que podem aos vizinhos, e mal nutridos sucumbão ao trabalho. E tal é a desgraça, que apesar d'estes inconvenientes é a pratica seguida por toda parte com mui raras esceçõis.

O vestido deve ser de lã ou algodão apesar do calor do clima. Os escravos trabalham quasi nus, mas quando é preciso abrigarem-se, convem que a sua roupa seja capaz d'isso. Os Inglezes distribuem camisas de flanela às Tropas mandadas para os paizes quentes da Asia, Africa e America.

Para os doentes são precisas casas proprias e com as comodidades necessarias, servidas por Professores e gente caridosa. Toda despeza neste artigo é uma bem entendida economia; nem o triste salario do Medico, e o preço das drogas da Botica, podem pôr-se em balança com a vida do homeni e com os interesses que d'ela resultão. Os Colonos Francezes são dignos de imitar-se n'este artigo.

O interesse particular, e em muiã gente a caridade Christã, ditarão arbitrios que não lembrão a quem discorre no gabinete; porem, em todo caso, seria indispensavel que uma severa Policia sobreroldasse n'esta materia para remediar os descuidos da ignorancia e deleixo, e os desvios da má fé.

*Quanto á propagação dos escravos.* O casamento é indispensavel, porque a libertinagem impede a propagação, acarreta



infermidades, embaraça a boa disciplina, e produz outras muitas consequencias funestas. Comete-se por toda parte o erro de não ter nas fabricas de escravos um numero proporcionado de escravas; porque ellas são necessarias para o tratamento dos homens, educação das crianças, cuidado dos velhos e serviço dos hospitais. ; E' na verdade cegueira deploravel, que podendo os proprietarios crear-se uma grande e bella população crioula, promovendo a propagação entre seus escravos, não só o não fazem, senão a embaracem!! Nas Colonias estrangeiras vimos nós que os proprietarios conhecem perfeitamente n'esta parte seus interesses, mas desgraçadamente uma desmedida ambição dos interesses immediatos e prontos os cega, e não tomão por isso medidas solidas e duradoiras.

Não ha desgraçadamente o necessario cuidado na educação da mocidade crioula, que, entre nós, até parece considerada população mais de luxo que de trabalho. (1) Uma grande parte morre no berço, e outra fica estropiada por effeito de molestias mal curadas. D'esta sorte perde-se uma ciscelente raça de trabalhadores, pois sabemos que os crioulos são robustos, bem constituídos e até habilidosos. ; Qual deve ser a sorte de crianças que ainda na mais tenra infancia são conduzidas pelas mãis ao lugar onde trabalhão, e ahi eispostas ao rigor do tempo, ou ficão abandonadas nas Cabanas até o regresso d'elas? Isto demanda uma severa providencia. Ou as mãis devem ser dispensadas d'um trabalho longinquo, ou deve haver um numero de escravas occupadas do cuidado das

---

(1) Grande numero de crioulos e crioulas entulhão as casas a titulo de Criados e Mocambas ao modo Asiatico.

crianças. Seria muito util organizar um regulamento sobre esta importante materia. (1)

ARTIGO 2.º *Inspirar o amor do trabalho aos homens livres da classe do povo de todas as cores.*

O maldito sistema de trabalho por escravos, alem d'outros males, fez-nos o grandissimo de infamar de tal sorte o trabalho agricola, que os homens livres da mais baixa classe antes querem morrer de fome, e entulhar as Vilas e Cidades na mendicidade e na miseria, do que receberem um pão honrado, ganhado por seus braços. Familias infinitas de brancos e pardos vegetão no interior das casas em ociosidade, miseria e mesmo libertinagem; e por nenhum partido se sujeitão ao serviço, mesmo domestico, de famílias ricas e honradas, como na Europa. O seu sumo bem é possuirem um escravo para o serviço de porta fora, e uma escrava para o domestico; do trabalho para ganhar o pão não se cura; em uma palavra a ociosidade é no Brasil nobreza, e a Priguiça aqui fundou seu trono.

¿ Qual será o remedio a tão grande mal? ¿ A força? Não por certo. Será preciso meditar instituições e providencias que destruaõ o prejuizo da infamia do trabalho, honrando-o e premiando-o, e crear uma Policia vigilante e severa, que não consinta ociosidade nesta classe de gente, trazendo-a resistada e até inventariada; em uma palavra, desprevenida

(1) O aumento da população crioula nas Fazendas bem governadas não é quimera: se nos bastão exemplos domesticos, temos o testemunho uniforme de viajantes instruidos. O citado Lavaysse observou este fato em muitas Fazendas nas Antilhas, e produz, como modelo, a de W. Young em S. Vicente, onde pelo zelo daquele humano e intelligente proprietario em poucos anos não só não precisou comprar novos escravos, senão que teve de sobejo para sua cultura,



do prejuizo com o eisemplo, e com um favor decidido para a classe agricola ; atrahila com o interesse da agricultura , e trazela sempre cerrada entre o trabalho e o castigo infalivel da ociosidade. E por quanto é para as grandes Vilas e Cidades que se acolhe a mendicidade priguicosa , e é na confusão d'elas que se occultão familias miseraveis , mas orgulhosas , que se desprezão de ganhar o pão por seu trabalho ; deveria a Policia dobrar a vigilancia n'essas grandes povoações , e apertar de tal sorte essa classe de gente , que ela axasse comodo em retirar-se para o campo. Longe dos olhos da multidão o orgulho tem menos de quem se esconda , e a imperiosa necessidade de sustentar a vida forçará o homem livre ao trabalho. Isto se observa já pelo interior das Capitánias , e dando-se providencias adequadas , é de esperar que se propague por toda parte.

Talvez se acelerasse esta saudavel mudança com a distribuição gratuita de terras nas vizinhanças das Vilas e Cidades , e avanço de certa soma para principio de cultura , e privilegios ou premios ás familias que mais se distinguissem neste genero de trabalho. Estes meios positivos de fomentar a industria que se deseja estabelecer em um povo principiante e prejudicado , são de suma utilidade , mas talvez não agradem aos partidistas do antigo *Laissez faire* que aliás demanda eispliação , e deve ser restricto a certas hipoteses , e sem duvida não quadra á de que tratamos. A esses descontentes pediremos que meditem , e nos lisonjeamos que mudarão d'opinião.

D'esta sorte o interesse dos beneficios da cultura e recompensas d'um lado , a severidade da Policia em perseguir os ociosos do-outro , produzirão bons efeitos. O serviço militar de mar e terra , e o primeiro com preferéncia , serão um

castigo efficacissimo para quem foje do trabalho. — *Contraria contrariis curantur.* — (1)

Não seria porem meños interessante diminuir quanto fosse possivel a população dos homens livres de cores misturadas, que inundão a sociedade, sem educação, sem occupação, e e aliás habilidosos.

A facilidade com que entre nós se dão as liberdades, corre, em grande parte, para o aumento desproporcionado d'esta classe. A grande maioridade d'elas parece provir do orgulho dos Senhores, que tendo filhos de concubinação com escravas, não querem (costumão elles dizer) *deixar seu sangue na escravidão*. Passemos-lhes muito embora este orgulho pelo que tem de humanidade, mas paguem a pena d'esse prazer illicito; dotem esses filhos ou com bens de que vivão, ou com officios que os salvem da mendicidade, porque o contrario é condenal-os á ociosidade e ás tristes consequencias d'ela, no que o Estado sofre muito.

Seria pois nossa opinião que nenhuma liberdade se desse sem o concurso da Autoridade publica, a qual fizesse segurar aos libertos a subsistencia por um dos dois modos indicados, obrigando tãobem os Patronos a pagarem ao Governo uma certa soma pela confirmação da liberdade, de que se daria um titulo autentico. Esta operação diminuindo perniciosas liberdades, diminuiria o numero de ociosos, em proveito do trabalho nacional, e até daria á Policia um meio seguro e facil

---

(1) A mendicidade que encobre tantos vadios, merece grandes e vigorosas providencias; elles sempre atrahirão a atenção dos nossos Legisladores. Casas de correção e de trabalho são muito de desejar, assim como alguns escritos tendentes a convencer almas pias do mal que fazem em exercitar caridade com gente que a não merece, que é o mesmo que dar e alimentar vicios, e crimes.



de calcular o progresso d'esta classe interessante. As liberdades remuneratorias de serviços importantes feitos aos Senhores merecerião mais indulgencia e favor.

ARTIGO 3.º *Empregar os Indigenas.*

Outro grandissimo dano que nos causou o sistema de trabalho por escravos foi o despresarmos a civilisação dos Indigenas, a qual, sendo mûito da obrigação de Conquistadores Christãos, oferecia tantas e tão solidas ventajens. ¿ Que prosperidade não seria a nossa hoje, se em vez de inundarmos nosso belo territorio de barbaros Africanos escravos, que ja nos embaração, tivessesmos sabido tirar partido de tantas gerações Americanas que desde a descoberra do Brasil tem vegetado na mais tenebrosa barbaridade, e desaparecido da superficie da terra ?

Digão-no os Mexicanos, cujo Imperio florescente, que prosperou como ás escondidas da Europa, marxava de passo rapido a hombraear com as grandes Nações civilisadas, quando arrebentou em seu seio o volcão revolucionario que hoje lhe dilacera e devora as entranhas.

A preciosa historia de sua grandeza e prosperidade com que o illustre Barão de Humboldt presenteou os Sabios da Europa, nos espanta. Alí se vê uma florescente agricultura, e incriveis trabalhos em Minas metalicas feitos pelos Indigenas, como ja notámos em outra parte, e o numero de Africanos é quasi nenhum. Pelos calculos deste infatigavel Viajante a população Mexicana era, antes da revolução, de dois milhóis e meio de homens da raça Indigena, d'um milhão de Hespanhois Mexicanos, de 70 mil Europeus, e quasi nada de negros: ¡ Que quadro consolante !!

Nós outros que fundámos nosso trabalho nos braços Africanos exclusivamente, cujo numero não podemos aumentar sem grande risco, titubecemos hoje em busca de remedio para este mal; e somos como obrigados a desandar o caminho que fizemos inconsideradamente para uma prosperidade aparente e enganadora.

As ventajens da civilização dos Indios não escaparão ao olho vigilante do Senhor Rei D. José I. de gloriosa e saudossissima Memoria, que para ella fez esforços, e deu muitas e mui sabias providencias; no estado porém em que as coisas se axavão, era preciso que o Ministerio fizesse tudo, e, além dos inconvenientes da distancia, e poucos meios de comunicação entre Portugal e o Brasil, sabemos que elle fôra distrahido pelos gravissimos negocios, que n'aquelle tempestuosissimo Reinado se forão encadeando e sucedendo, como de proposito para acrisolar a Magnanimidade e Constancia do Grande Monarca, e realçar a sabedoria, e rara fortaleza do seu habil e fiel Ministro.

Não tiverão o desejado successo as vistas do Sabio Legislador, e com tudo conseguiu-se ainda muito, porque veem-se em todas as Capitancias, principalmente na do Grão-Pará, muitas familias Indigenas aproveitadas, muitas Vilas em que ellas se axão reunidas, occupando-se na agricultura, e fornecendo braços ao Real Serviço e ao de proprietarios particulares.

Concorreu para a pouca felicidade dos estabelecimentos Indianos 1.º a ignorancia e deleixo dos Governadores e Ministros que d'elles forão encarregados, os quais nem souberão escolher as posições importantes para as fundações das Vilas, nem souberão dar a essas sociedades nascentes a saudavel impulsão de que precisavão para prosperar; o que demanda



conhecimentos e um zelo decidido. Na fundação das Vilas não buscáráo senão um local ameno e fértil, como se crear uma Vila consiste somente em levantar um pilourinho em um lugar fértil e ameno. Para Directores dos Indigenas forão escolhidos homens sem educação nem probidade, que não virão no emprego senão um meio de fazer fortuna com o trabalho dos dirigidos. Tudo quanto avançamos é confirmado pela experiência.

O Legislador viu bem que, sendo o fim principal do avilamento dos Indigenas o habitualos á agricultura, e desacostumalos da tendencia para a vida errante fazendo-lhes agradaveis os commodos da sociedade civil, era necessario que essas Vilas fossem fundadas a tal distancia das povoações de brancos, que os productos do trabalho das primeiras axassem consumidores nas segundas, e recebessem em troca os productos da industria d'estas, para que com esta comunicação de interesses se introduzisse a civilisação. Assim pois o ordenou, mas não se ciscutou, e por isso ha muitas Vilas que se devem cistinguir, reunindo as familias em outras,

2.º O serem as Vilas compostas exclusivamente de Indios. Sabe todo mundo que o metodo mais facil de ensinar é com a pratica a par da teoria; e que a emulação, que esporcia os homens a distinguirem-se entre seus semelhantes, nunca o ciscita tão ventajosamente como com o cispiello á vista. Amalgamar pois os Indigenas com Portuguezes bem escolhidos seria o meio eficaz de ensinalos a trabalhar, e a fazelo com mais proveito; até mesmo porque este era o meio mais natural e suave de ir apagando a linha de divisão que separa as duas castas, que tem pessimas consequencias, bem previstas pelo Legislador. Os Directores porem afetando um zelo hipocrita

pela segurança e tranquilidade dos Indigenas, procurarão afastar quanto puderão os brancos que pretendião estabelecer-se nos Distritos das Vilas, não querendo talvez testemunhas oculares de seu mau procedimento.

3.º A tutela perpetua em que são conservados os Indigenas. Tutelar os Selvagens que entrão em contacto com o povo civilisado, é uma ideia mestra; mas era preciso saber ir adelgçando o rigor da tutela á proporção da capacidade dos tutelados, porque o espirito quer espaço para se desinvolver, e liberdade para combinar; sopeado, apouquentado, perde a energia, embota-se. E este é outro cisco dos Directores, que não só tratão os Indigenas como tutelados, senão como escravos toda a vida.

4.º O despotismo dos Governadores dispondo dos Indigenas em favor de proprietarios particulares, que ou por falta de escravos, ou por não arriscarem os que tem a certos trabalhos perigosos, pedem grande numero de Indios, que obrem por preços muito modicos. D'onde resulta que os Indigenas arrancados a suas lavouras começadas, perdem-nas absolutamente sem indemnisação, e não lhes bastando para a sustentação annual o salario que dos particulares recebêrão, caem em miseria, roubão, desertão, e cometem crimes, inseparaveis da ociosidade indigente. Verdade é que a Lei permite a distribuição de Indios pelos proprietarios particulares, mas ella se intende a respeito dos Selvagens que se forem conquistando, e não das familias já estabelecidas, aviladas e occupadas na lavoura.

5.º A ignorancia e má fé dos mesmos Directores, os quais, alem de não terem as luzes necessarias para um emprego tão importante, inspirão e communicão aos tutelados seus vicios



personais, são negligentes, e abuso do trabalho d'elles para sua propria utilidade.

6.º A falta d'uma Autoridade que vigiasse assidua e eficazmente sobre os Directores, os quais sendo tirados da classe do povo que não tem educação nem principios, e a grandes distancias das Capitais, precisavão de correição. Os Governadores são sedentarios, e não visitão as Capitania; os Ouvidores correm as Comarcas uma só vez cad'ano, e nada podem ver, quanto mais prover. D'esta sorte os Directores, certos da impunidade, tiranisão á vontade os tutelados.

Em fim o Directorio dado para governo d'elles, e confirmado pelo Alvará de 15 d'Agosto de 1758, nos parece, quasi todo, bem pensado, mas faltárão-lhe ciscutores.

A' vista do cisposto, se nos perguntassem como se remediaría este mal, responderíamos, que fazendo precisamente o contrario do que se tem praticado em cadaum dos artigos analisados, e modificando-os como parecesse justo.

Parecerá a muita gente que os Indios que temos avilados, por isso que ja conhecem alguma coisa os comodos da sociedade civil, deverão gosar da plenitude dos direitos e prerogativas da liberdade social como os mais Cidadãos; todavia nós que os conhecemos e tratámos e governámos, somos d'opinião contraria. Não tendo sido educados como convinha, pois que não forão habituados a um trabalho regular, nem aprenderão a tirar um partido facil da agricultura; se os deixarem a si sós, com a prigiça natural e hereditaria, que é para eles o sumo bem, e sem nenhuma ambição d'uma vida mais folgada e comoda, nada farão. Tivemos d'isto uma prova recente: milhares d'homens que alimentavão ja um trabalho consideravel debaixo de inspecção na Capitania do Pará, apenas soltos

d'ela, desaparecêrão inteiramente. Melhor fôra ter emendado os erros, e corrigido as injustiças d'essa inspeção. (1)

Conviria pois conservar-lhes uma Directoria, porem com uma forma mais policial que tutelar, cujo fim seria manter os costumes, dirigir e atuar os trabalhos, evitar a vagabundagem, e, em summa, promover a eisecução das ordens e planos que se fizessem para o regulamento das povoações.

Seria tãobem nossa opinião que se creassem Inspetores Gerais em cada Capitania com o encargo de vigiarem sobre as povoações Indianas, visitalas e dirigilas, representando os abusos, pedindo e propondo os remedios adequados, intendendo-se para isso com os Capitães Generais e Magistrados Maiores das Provincias. Nas Nações estrangeirás os projetos d'esta natureza são incumbidos a Sociedades de homens conhecidos por seu zelo e intelligencia; não sabemos se haverá entre nós proporções para isso; mas não desaprovamos o sistema, e talvez fosse coisa facil de organizar-se na famosa Capital de S. Salvador da Bahia, cujos habitantes tanto se distinguem no espirito do bem publico.

O titulo de Protetor dos Indios, (o qual importa uma curatela gratuita de gente miseravel) não pôde deixar de ser muito lisonjeiro para almas generosas; ele se ajuntaria ao de Inspetor Geral. O emprego pois de Inspetor Geral e Protetor dos Indios queremos persuadir-nos que seria ambicionado pelos homens mais abastados e mais illustres das Capitancias Gerais. O negocio é grande, e merece uma muito séria attenção.]

---

(1) Em Cayena, por eisemplo, sob o regime dos Jesuitas contavão-se mais de 60 mil Indios, no ano de 1720; perdidos os Missionarios, ja em 1773, havia apenas 4 a 5 mil; atualmente nenhum.



Baste isto quanto aos Indigenas ja estabelecidos e avilados.

Quanto aos Selvagens novamente conquistados, muda muito o horizonte, e difficilmente se podem dar, do gabinete, arbitrios seguros, porque eles dependerão sempre do conhecimento do local, e do carater e inclinaçõis de cadauma das Tribus que vivem espalhadas por esse imenso territorio como as feras, e em continuas guerras. Só a experiencia poderá suggerir os meios proprios de conduzir tais prosélitos, mas a experiencia de gente instruida. Podemos asseverar que tudo quanto temos visto aconselhado em livros sobre a materia, nos não agrada, e ao menos não pôde servir de regras gerais. Podem-se todavia aproveitar ideias do que disserão Mr. Depons (*Voyage à la terre ferme*) e Mr. Baudry des Lozières (*Voyage à la Louisiane*) entre outros muitos.

O que porèm não sofre duvida é que os Selvagens, em geral, são tímidos, desconfiados e irreconciliaveis depois que perdem a confiança que tinham nos seus directores, e é por consequencia indispensavel tratalos com melindre. Pede tão-bem a razão que na civilisação deles não contrariemos subitamente suas inclinaçõis primitivas, antes procuremos dirijilas para o bem da sociedade. A Religião é indispensavel; seus efeitos, neste genero particularmente, tem sido sempre tão admiraveis, que nada mais era preciso para demonstrar sua origem divina; assim não tivessem sido malogrados, quasi por toda parte, seus copiosos frutos pelos Conquistadores da Africa, Asia e America, movidos de ambição e sordidos interesses!

Será porem necessario, com Selvagens, principiar pelo que tem a Religião de maravilhoso e encantador, tanto em

sua doutrina como no seu culto eisterior, antes de passar ao que ella tem de sublime; e quanto á pratica, não carregala de longos e minuciosos eiserccios, que só convem ás pessoas capazes de conhecer as ventajens espirituais que d'elles se recebem. Em uma palavra, o Selvagem é uma criança com forças d'homem feito; a marcha pois para governalo e instruillo e civilisalo é quasi a mesma.

Não é nossa opinião que se possam tirar grandes utilidades dos Selvagens adultos para o trabalho agricola, porque ainda que este se lhes facilite e proporcione, o gosto e habito da vida ambulante predominarão. Seria mais seguro alimentar seus gostos e habitos, buscando tirar d'elles o partido possível: assim v. gr. os empregariamos na colheita dos muitos productos naturais, proprios para o commercio e artes, espalhados pelos matos; assim, aproveitariamos a inclinação d'elles á caça e pesca, dando-lhes uma eistensão capaz de deixar proveitos; assim, empregariamos as Tribus habitantes das Costas e margens dos Rios navegaveis, na Marinha de Cabotagem e navegação d'esses rios; e em lugar de ir fazer estabelecimentos longinquos, principiariamos nossas Colonias pelas Tribus mais vizinhas.

O modo com que se devem aliciar e ganhar os Selvagens é negocio da primeira importancia. O coração estremece com a recordação do metodo pelo qual Governadores do Brasil, aliás não destituidos de juizo e humanidade, mandavão fazer esses xamados Descubertos; era verdadeiramente uma caçada de homens, de que se encarregavão militares ferozes, escoltados da mais baixa relé; matar e eisterminar crão as instruções. D'este modo de colonisar ja se vê que o resultado seria o diametralmente oposto ás vistas do Soberano.



Para este genero de emprezas pensamos nós que é perder tempo querer buscar outros Conquistadores que não sejam Ecclesiasticos Seculares ou Regulares instruidos e virtuosos. « O ár doce e santo, a intrepidez e paciencia d'um Sacerdote bem convencido das verdades da Religião, diz Mr. des Lozières, inspirão muito maior respeito ao Selvagem, e o penetraõ muito mais do que o tom ameaçador, e os raios d'uma tropa guerreira. Semelhante á gota d'agua, que penetra o roxedo, a unção do Religioso acaba por ganhar o coração do Selvagem, e reconduzilo aos verdadeiros principios da natureza, que só conhece quem tem uma Religião ilustrada. Um Cenobita val mais que um eisercito contra antropófagos. »

¿ Destas mesmas verdades não temos nós os mais irrefragaveis testemunhos nos nossos fastos gloriosos, que em nada cedem aos de nenhuma outra Nação Conquistadora? O caso é saber escolher esses Ecclesiasticos, e sustentar ileso e puro o mesmo espirito de caridade Christã dos primeiros Fundadores, porque desgraçadamente de tudo se abusa, e tudo degenera nas mãos dos homens.

Será pois nossa opinião que este fosse o metodo de atrahir os Selvagens, e que se organisasse um plano adequado a cadauma das Capitanias gerais. Os mesmos Francezes, ainda no calor revolucionario, convierão na conservação dos Conventos na Luisiana, com vistas na civilisação dos Selvagens. Esta quartada servirá a desarmar da critica que por ventura nos iria preparando, a ouvir este conselho, algum espivitado em politica, que não estiver ainda escarmentado do nada que valem, para governar homens, as abstraçõis filosoficas.

Isto quanto aos Selvagens adultos. A nossa grande esperança deve fundar-se na educação da mocidade Selvagem, capaz de receber a direção que lhe quizermos dar.

A educação moral d'ela não passaria dos princípios da Religião, ler, escrever e contar. Quanto ao mais, habituala ao trabalho agricola seria o principal empenho. A agricultura tem encantos, e por isso, bem dirigida, e acompanhada da criação dos animais domesticos, não poderia deixar de agradar aos innocentes e robustos Colonos. A caça e a pesca entrarião por passatempo; a carreira, a luta, a dansa serião os divertimentos comuns, feitos com discrição.

As primeiras culturas serião feitas em comum até uma certa idade; passada a qual, cada individuo teria sua terra particular. A lavoira em comum, ao principio, tem a grande vantagem de habituar os Selvagens a um trabalho regular, vigiado e fomentado pela emulação; a separação porem, depois d'um certo tempo, é indispensavel para habitualos a este *meu e teu* que tanto agrada ao homem; e tantos beneficios tem feito á sociedade civil. Haveria cuidado de promover o casamento, fazendo tais disposições, e acompanhando-o de tal ceremonial, que este estado importantissimo ganhasse aos olhos dos Candidatos a consideração e respeito que lhe são devidos.

Tais Colonias, bem policiadas, multiplicarião infinito, e darião braços á agricultura, á industria, e ao eisercito de mar e terra. A Capitania do Grão Pará não tem hoje quasi outros Soldados senão os d'esta Casta; nós os conhecemos e tratámos, e não vimos em que os das outras Castas se-lhes aventajassem. Pensamos mesmo que não se axarião melhores Soldados que eles para o genero de guerra propria do Brasil, e que o *será*



talvez por dilatados anos; do que tivemos prova decisiva na occupação e administração da Guyana Franceza pelo Governo Portuguez.

Eis aqui o que lembra no gabinete, e o que pôde caber em tão curtas paginas. Homens inteligentes e zelosos poderão fazer prodigios na pratica; é indispensavel buscalos, empregalos e recompensalos. Não se pôde assás cisagerar quanto farião neste importante negocio Governadores e Capitães Generais habeis, zelosos e desinteressados; sem isto, as melhores providencias se neutralisão, ou paralisaão, em mãos estupidas, ou interesseiras.

A ideia de prometer honorificas recompensas aos ricos proprietarios que fundarem á sua custa Povoaçõis de Indios constantes d'um certo numero de familias, é eiscelente, e de certo produziria o desejado effeito, se esses ricaços, que muito provavelmente desejão enobrecer-se, não axassem, como tem axado, meios mais faccis de xegar ás honras e prerogativas politicas do que esses, não só dispendiosos senão tãobem espinhosos, de conquistar e amansar Selvagens. Que inesgotavel tesouro não é o de remuneraçõis honorificas em poder d'uma Politica discreta !

ARTIGO 4.º *Atrahir Europeus.* No estado em que se axa a Europa; tantas familias arruinadas, tantos individuos desgraçados, tanta gente habil sem emprêgo, e descontente; não nos seria difficil engrossar nossa população branca com os emigrados d'ela. Concorreria muito para isto a ideia que alí ha da riqueza do Brasil, e a justa opinião que é mais facil adquirir fortuna em um paiz nascente do que em outros ja avançados em industria. Mas desgraçadamente não está ainda na Europa

destruido inteiramente o errado conceito que viajantes e Escri-  
tores ignorantes, e talvez prejudicados, espalharão noutro tempo  
sobre nossas instituições e policia interna. O que nos não  
maravilha, observando que Geografos modernos, que tem  
vivido em tão intimo commercio com Portugal, lhe attribuem  
em suas obras usos os mais absurdos e que nunca existirão,  
como se falassem dos Polos gelados ou dos desertos interiores  
da Africa.

Felizmente, depois da passagem da Corte para o Brasil, ja  
alguns Escritores modernos da Europa fazem justiça aos nossos  
esforços para a civilisação, e analisando as providencias que se  
tem dado e vão continuamente dando, começam a vingar-nos  
da injuria que se nos tem feito; e todavia não é ainda o que  
basta para xegar ás classes cujos individuos pretendemos  
atrahir.

Seria por tanto necessario fazer inserir nos jornais e gazetas  
mais acreditadas da Europa os progressos que fazemos e os  
que desejamos fazer, e a Real Protecção que obtem quantos  
vem enriquecer-nos com seus talentos e experiencia, decla-  
rando-se que nada mais d'elles se requer senão o que se requer  
nos paizes mais gabados de liberdade, que é, respeito ás Leis  
e costumes nacionais. (1)

Não somos d'opinião que se recebam como d'aluvião, e  
sem eisame, quantos individuos nos vierem procurar. Os Esta-  
dos-Unidos do Norte, que para irem coherentes com os prin-  
cípios que proclamárão, abrirão em seu seio um como asilo

---

(1) Agora com a nova organisação politica que se vai pôr em pratica, e asse-  
gura nos estrangeiros a liberdade individual e o direito de propriedade, é provavel  
que a emigração da Europa nos enriqueça rapidamente.



à tudo quanto ali aborda que tenha fisionomia humana; gemem hoje com os males inseparaveis d'uma população imensa, heterogenea, cosmopolita, e devassa em costumes, que ali foi arremessada pela cisposão revolucionaria Europeia. Mais d'uma vez se tem visto faltar ao Governo a força repressiva para punir excessos populares. A miseria em gente mal creada, de que são inundadas as Vilas maritimas, tem arrojado aos mares um semnumero de Piratas que insultão ao commercio de quasi todas as Nações, de sorte que o Atlantico vai rivalisar em pirataria com o Mediterraneo, infestado pelos Moiros.

Como é nas Vilas maritimas que pára a grande maioridade dos recém-xegados, notário Viagantes instruidos que, ainda antes d'esta ultima aluvião de gente que lhes sobreveio em consequencia da quéda do Tirano da Europa, ja fazia um contraste espantoso o cistremo de corrupção das ditas Vilas com a singeleza de costumes das povoações interiores: tais são, entre outros, Brissot, Bonnet, o Principe de Talleyrand etc.

Renunciariamos pois ao rapido crescimento d'uma população corrompida, contentando-nos com um menos rapido, mas de homens escolhidos; e n'este genero, tudo quanto vem de meios não naturais (se nos podemos esplicar assim) acarreta inconvenientes. Uma aluvião imensa de homens de todas as condições, entrados como d'um golpe em qualquer paiz, não pôde deixar de produzir efeitos desagradaveis.

Uma Policia habil, e vigilante pôde muito bem, sem ferros, sem carcereis, joear a turba de emigrados. As grandes povoações são o asilo a que eles se abrigão, e é facil segui-los em seu comportamento. A população do Brasil é muito mal composta, como ja observámos, para que seja indifferente admitir sem escõlha a relé vil, e educada em principios revo-

lucionarios, que a miseria afugenta da Europa. Reflita n'isto o Leitor, e convirá comnosco.

Isto quanto á admissão geral. Para o nosso proposito porem, que é xamar homens laboriosos ou para a industria, ou para a agricultura, todos os inconvenientes se podem evitar fazendo-se uma especie de convenção preliminar. Queremos estabelecer um certo genero de manufacturas e xamar para isso estrangeiros; nada mais simples do que anunciar na Europa isso mesmo, designando os lugares, as condições, os avanços e mais particularidades etc., e estamos seguros que os accitantes são homens de prestimo e trabalhadores. Queremos estabelecer Colonias agricolas; designa-se o terreno, fixa-se a cistensão das concessões com atenção á natureza do terreno e das culturas; declarão-se as condições, e anuncia-se tudo d'um modo claro e preciso, e já sabemos que os individuos que se offerecerem, são trabalhadores, e não vagabundos e vadios. (1)

No estado atual de nossas luzes, e do afinco dos habitantes ao sistema de trabalho por escravos Africanos, dar o cismplo da possibilidade de empregar braços Europeus na agricultura, e demonstrar praticamente os frutos do novo sistema, é uma

---

(1) Aproveitamos esta ocasião para tocar na materia da divisão das terras, que parecendo coisa indifferente, pelo que observamos, a pessoas aliás instruidas, é ao contrario de grande importancia. Sabemos que a divisão em piqueno pareceu aos antigos Autores de Economia agraria mais conveniente ao aumento da população, e aperfeiçoamento da agricultura. Sabemos tãobem que Agronomos incansaveis, entre os quais tem distincto lugar Arthur Young, levárão suas experiencias a ponto, que homens de criterio puderão demonstrar o contrario, e a primeira opinião decaiu. Mas qual será a proporção que se deve fixar entre divisão em grande e divisão em piqueno? E a que se pôde dizer grande na Europa, selo-ha no Brasil? E a que se intender grande em tal genero de terreno, selo-ha em todos os mais? Sem decidir estas questões não se pôde fazer boa Legislação na materia; e a que temos mereço ser refundida.



bela politica, muito digna d'um Governo paternal e illustrado. Todavia, geralmente falando, entendemos que, n'este genero, assim como em quasi tudo quanto é de interesse nacional, val mais deixar obrar o interesse particular, contentando-se o Governo em proteger e animar, facilitando os meios e recom- pensando o zelo.

¿ E porque não faremos nós o que se praticou nas Antilhas, e mesmo nos Estados-Unidos do Norte? Ajustavão-se na Europa trabalhadores a quem se fazião avanços para seu trans- porte e mais necessario, os quais vinhão trabalhar por um certo numero de anos convencionado em terras de particulares, facilitando o Governo o transporte d'eles com obrigar os navios mercantes a receberem segundo sua capacidade os que pudes- sem. Estes obrigados (*engagés*) findo seu tempo, erão outros tantos Cidadãos que se ganhavão, procurando estabelecer-se no paiz. ¿ Não seria um genero de proteger este sistema de introdução de estrangeiros o conceder privilegios aos proprie- tarios que n'ele se distinguissem? Figura-se-nos que o Governo Britanico até daria premios pecuniarios; que é com que anima as emprezas comerciais, e de que tem tirado grandes ventajens.

Observámos que muiitos Senhores de Engenho da Paraíba do Norte e mesmo de Paranaambuco admitem o que eles xamão lavradores; os quais são homens pobres, que não tendo meios para fazerem cultura independente, se oferecem a plantar cana nas terras vizinhas e proprias dos Engenhos, e n'eles a moem, deixando aos Senhorios uma certa porção convencionada do produto d'ela. Muiitos d'estes lavradores não tem outro auxilio senão o de seus braços e de seus filhos; aggregão-se aos Senhores de Engenho, afeiçoão-se ás terras que cultivão, e n'elas fazem seus estabelecimentos que passam a

descendentes, e todos vivem como á sombra da protecção dos proprietarios.

Pareceu-nos digno de protecção este sistema, como um meio de ir substituindo braços livres aos dos escravos, e de ir dando uma ideia vantajosa da divisão do trabalho, á qual a riqueza das Nações modernas deve tão assinalados serviços; e o meio de proteje-lo talvez fosse estender aos lavradores os privilegios que tem os Senhores de Engenho, no em que lhes fosse applicaveis, e dar-lhes outros de que tirassem ventajens reais, como v. gr. o da isenção do recrutamento militar para os filhos que os ajudassem na lavoira.

Os Engenhos d'assucar nas Capitánias que visitámos, são fabricas imensas e complicadas; os proprietarios fazem de agricultores, fabricantes e comerciantes: plantão, manipulação e conduzem aos mercados. Já se vê que para acudir a estas grandes operações é preciso grande numero de escravos, mas não seria assim, se elas fossem distribuidas por diferentes mãos. Por esta razão é que o levantamento e fundação d'um Engenho demanda capitais que pouca gente pôde desembolsar; e d'aqui nasce que tantos emprehendedores d'este genero de industria se tenham arruinado, para o que bastão simples accidentes naturais. Não seria pois mais prudente dividir os riscos, e contentar-se com menores beneficios e mais seguros? A mortalidade dos escravos é um dos mais terriveis accidentes, e desgraçadamente muito comum. Não seria pois util fomentar a divisão do trabalho n'este mesmo ramo de industria agricola? D'esta sorte umas familias plantarião, outras manipularião, outras conduzirião; e o trabalho assim dividido seria facilmente feito por braços livres, e alimentaria muitos trabalhadores uteis.



Remataremos este artigo observando que nos parece illusão o pretender tratar da abolição da introdução dos Africanos só quando a nossa população branca tiver xegado ao ponto de serem eles escusados, como pensa muita gente. Em um ou outro lugar do nossò imenso territorio poder-se-ha conseguir, em ponto piqueno, a mistura de trabalhadores brancos livres e negros escravos; na grande maioridade ella sofrerá sempre grandes embaraços. ; E essa mistura e igualamento de condição entre as duas cores, será sem inconvenientes politicos? ; E quando a população branca xegar a ponto de fazer desnecessaria a introdução dos Africanos, a que prodigioso numero terão ja estes xegado? ; E que faremos então d'elles, e ja mais adiantados em ideias, e falando em direitos do homem? ; Restituilos á Africa, como lembrou a alguns Filantropos Americanos? ; Dar-lhes a liberdade, como lembrou a outros? ; Conservalos em escravidão menos apertada? De todos os lados se nos antojão abismos, uma vez que seja preciso transijir com tal classe de gente. Parece pois que a habilitade politica está em ir fazendo desaparecer a população de escravos gradualmente, e á proporção que for aumentando a de homens livres.

---

§. 7.º

*¿ O trabalho agricola do Brasil será incompativel com a força fisica dos trabalhadores Europeus? ¿ A agricultura com escravos será mais lucrosa?*

**A** Ordem do discurso parece xamar-nos a resolver estas duas questõis. O fundamento donde partimos para estabelecer

a necessidade de abolir a introdução dos Africanos, nos dispensaria d'esta tarefa, porque, se a abolição é necessaria á segurança e prosperidade do Estado, como nos lisonjeamos de haver demonstrado, todas as outras considerações são subordinadas a esse primeiro principio; cessa a liberdade da opção, e não resta outro nenhum partido discreto senão o da resignação. Intendendo porem que destruir um prejuizo é facilitar o recebimento das ideias que lhe são contrarias, fazemos aos ditos respeitos algumas reflexões.

Quanto ao 1.º Acredita-se geralmente que os trabalhadores Europeus não são capazes d'aguentar o trabalho agrícola no Brasil. Não vemos porem outras razões produzidas senão a do grande calor do clima que enfraquece e estenua as constituições, e a rudeza dos trabalhos; razões que supomos esageradas, e acreditadas sem cisma. Quanto ao calor excessivo, é manifesto que tal se não poderá aplicar ás Capitánias do Sul até Paranambuco, porque de comum opinião e testemunho de quem as tem visto, o clima é d'uma constante primavera; o frio que é mais intenso na Capitania Geral do Rio Grande, e todavia muito suportavel, vai gradualmente passando a mais calor até Paranambuco, onde forma uma temperatura deliciosa. 2.º Que resta pois de territorio para ser considerado de calor insuportavel pelos Europeus? Maranhão e Pará, como Capitánias mais vizinhas á Equinoxial: e ja se vê quam debilitada fica essa proposição vaga da summa intensidade do calor do Brasil, reduzida unicamente ás duas Capitánias. Sustentamos todavia que o calor n'elas é mais suportavel que em Portugal; e sem produzir autoridades de Geógrafos, lembraremos que os dias nas ditas Capitánias são quasi iguais ás noites; que ha na atmosfera uma humidade habitual; e que



reina uma brisa constante de Léste a Oéste que acompanha o movimento da terra, a qual tempéra deliciosamente os ardores do Sol, mesmo no momento em que ele fere a terra mais perpendicularmente. D'isto parece uma prova tãoobem irrefragavel a constante verdura que vestem campos e montes.

Em todo o Brasil, mesmo sobre a Equinoxial, as manhãs são frescas, e as noites até frias, e contra as quais é preciso tomar cautelas; o calor no Estío em Portugal não tem lenitivo, porque lhe faltão as causas modificantes apontadas. Que se quizermos julgar da impressão do calor pelos gráus da latitude, nada de mais falivel e enganador, como sabe todo mundo.

Agora se se intende falar dos maus efeitos do calor, não por sua intensidade, mas por sua diurnidade, pretendendo concluir que os corpos sem o repouso do inverno (se nos podemos cisplicar assim) perdem mūito de sua substancia e se cistenuão; a questão muda de face. Parece-nos todavia que podemos sustentar, sem absurdo em hygiene, que esse mesmo diuturno calor habitual, com as modificações que lhe conhecemos, não é mais prejudicial á saúde, em geral; porque a razão e eispériencia tem provado que a monotonia dos climas é mais favorável ao corpo humano que a vicissitude de estações variadas e opostas. Nenhum caquetico presuma que melhorará saindo do banho morno da atmosfera da Bahia, Paranambuco e mesmo Maranhão e Pará para os climas frios da Europa, ainda nas partes mais occidentais d'ela: é tentativa que tem custado carissimo aos Europeus, e habitantes das Colonias das Antilhas.

Póde ser que a constituição fisica dos homens Brasileiros não seja tão robusta como a dos Europeus, o que não vimos

ainda demonstrado, nem o será talvez nunca; mas se a monotonia dos climas é mais favoravel ao corpo humano, e conserva por consequencia uma saude mais igual; perguntariamos nós qual será preferivel, se uma saude mais igual em corpo menos robusto, se molestias mais frequentes em corpo mais robusto. Em fim a experiencia termina a questão, mostrando que os Europeus dados á cultura no Brasil se conservão vigorosos, e vivem longa vida. E' preciso dar o desconto dos efeitos da mudança do clima, que por toda parte altera a saude dos recém-xegados, ainda que venhão para mais saudaveis paizes.

Sem duvida muiitos dos nossos Leitores terião occasião de observar a laboriosa e fatigada vida dos trabalhadores em Portugal. No verão os vimos nós sob um Sol fervente, eistenuados de fadiga, mal comidos, mal vestidos, caírem sem sentidos com a força do calor; no inverno tiritando de frio, debaixo de xuva e neve, cuidando em suas lavoiras. ¿ E serão estes os homens que succumbirão ao trabalho d'uma cultura facil em climas temperados? Não o cremos.

« Por mais penosos que sejam os trabalhos que eisija a sociedade, diz Mr. de Montesquieu, parece-me que tudo se póde fazer com braços livres. — Antes que o Christianismo abolisse a servidão civil, o trabalho das Minas parecia eisclusivamente proprio para escravos e criminosos; hoje sabe-se que os homens empregados n'elles vivem felizes. *Esprit des Loix* t.º 2.º liv. 15. cap. 8.º » (1) Ora, o trabalho das Minas na Europa é infinitamente mais violento que o de plantar cana

(1) Mr. de Humboldt ja citado nos refere o forte trabalho que fazem os Indios nas Minas Mexicanas.



d'assucar, café, algodão, cacau etc. em terras férteis e amenas; e esta cultura cadavez se fará mais facil pelos novos metodos que a civilisação vai introduzindo.

Quanto ao 2.º ponto. A questão não é tão facil de decidir, como não são todas as em que a observação, e analyse de fatos formão a base das demonstrações.

Smith, Turgot, Steuart, Herrenschwand, Bentham, e o moderno Bailleul, partindo dos principios morais que estimulam o homem livre para aumentar e aperfeiçoar o trabalho, os quais se não encontrão no coração dos escravos, concluem, com grande apparencia de rasão, que o trabalho será menor, e menos lucrativo em mãos d'estes. João Baptista Say pensa o contrario; atenua, quanto pôde, a ação d'esses principios morais, e passa a buscar fundamento á sua opinião no calculo comparativo do custo dos escravos, da despeza que se faz para sustentalos, e do trabalho que se pôde obter d'eles, com o que deve custar o mesmo trabalho feito por brancos assalariados; e supondo que a despeza com os escravos deve ser menor que a necessaria com homens livres, e que a força dominical é capaz de fazer trabalhar os escravos quanto nunca se obterá dos homens livres que não estão sujeitos á coação, conclue que o trabalho feito por estes nunca será tão lucrativo como o feito por aqueles.

Jeremias Bentham parece que adivinhava o que havia de dizer n'esta materia Mr. Say, porque no t. 2. chap. 2. de *l'esclavage* responde vitoriosamente aos seus argumentos. A ele remetemos o Leitor curioso.

Notaremos em geral que os efeitos da força que Say eisagera tanto, são ventajosamente contrapesados pela negligencia, e má vontade habitual dos escravos em tudo quanto

fazem , principalmente logo que possuem furta-se á vigilancia dos que os dirijem e governão. Fazer o menos possivel , o pior possivel , no maior tempo possivel , é a marxa geral entre os escravos Africanos. A esperiencia d'elles que nem Say , nem os Escritores que elle combate , nunca tiveram , é quem decide terminantemente a questão. Fundados n'ella os habitantes das Colonias das Antilhas , tanto Francezes como Inglezes , e Holandezes , depois de varias tentativas , assentárão que o partido mais ventajoso era obrigar os escravos a um trabalho taxado , cujas ventajens não analisamos , pela cistensão a que seriamos obrigados. Estabelecer recompensas aos que se distinguirem , como temos visto aconselhado por alguns filantropos de gabinete , é tempo perdido , porque é do interesse do escravo não dar a conhecer a cistensão de sua capacidade , que póde vir a ser-lhe funesta. D'essa sorte , diz Bentham , se estabelece uma ambição inversa.

Quanto ao dizer Say que os escravos consomem menos que os homens livres , somos d'opinião que se engana , salvo se os Senhores não quizerem tratalos como devem. Os escravos , diz com rasão o mesmo Bentham , consomem mais , não pelo que elles gosão , senão pelo que desperdição , estragão e não economisão. ¿Que lhes importão interesses que não são seus? ¿Que lhes importa que o Senhor , que tratão como inimigo , perca e seja arruinado? O homem livre poupa , economisa , não desperdiça , e até sofre privações para acumular um superfluo. Parece-nos que deve entrar tãoobem em linha de conta que , para ter v. gr. cem escravos em trabalho , é preciso sustentar 130 , porque os 30 devem ocupar os hospitaes : é o calculo feito pela esperiencia em todas



as Colonias ; e é despeza sem proveito com braços Improdutivos. (1)

Concedamos porem muito embora a Say que a força seja capaz de arrancar aos escravos maior soma de trabalho do que a que se pôde obter dos homens livres ; ele não prova (nem lhe seria facil) que essa força seja capaz de produzir uma perfeição maior nos productos ; porque o aperfeiçoamento depende da boa vontade do artifice, e esta não é do dominio da coacção. Ora, os bons especuladores preferem menos trabalho bem feito a mais trabalho mal feito.

Seja o que for, o que não sofre duvida é que por toda parte os Agricultores Coloniais se queixão de pouca fortuna, alegando por motivo principal o alto preço dos escravos, a mortalidade e graves molestias a que eles são sujeitos, e outros accidentes semelhantes.

Mr. Ganilh, que não dogmatisa, mas analisa, e, na opinião do celebre Financeiro Sir Francis d'Ivernois, é a melhor cabeça que possui a França em Economia - politica, conformando-se com a opinião dos Autores citados, buscou nos fatos prova mais segura da verdade. Fez o calculo comparativo dos beneficios da cultura Europea e Colonial da França, e axou que a segunda apenas eiscedia a primeira trez e meio por cento liquidos, ventajem que ele julga com razão muito diminuta proporcionalmente aos avanços que erão obrigados a fazer os

---

(1) Mr. de Humboldt prova mesmo que o trabalho por escravos é menos lucrativo, no seu *Ensaio Politico sobre o Mexico*. Não se pôde deixar de citar a cada passo esta Obra imortal, que é uma Enciclopedia dos mais profundos e variados conhecimentos, e que espanta a quem sabe quanto custã adquirir ideias em um só ramo de Sciencias.

negociantes que n'isso especulavão. Ora, se isto acontecia a Françezes que agricultavão com tanta superioridade de ventajens sobre nós; temos rasão para concluir que a nossa sorte deve ser muito mais inferior. (1)

Rematamos asseverando que vistos os imensos inconvenientes do trabalho por escravos, os mesmos proprietarios a elle habituados, não hesitarião em abandonalo, se lhes fosse facil axar outro meio de cultivar suas terras; ao menos esta é a linguagem dos que são obrigados a sofrer escravos, não em uma só Capitania senão em todas as que visitámos, e que tem algumas ideias.

---

(1) Mr. Guilli refuta nomeadamente esta opinião de Mr. Say, e ataca injustamente a este de ideias não liberaes, porque suposto que Mr. Say sustenta uma tal opinião, salvou-se da justa accusação que podião fazer-lhe, ajuntando a seguinte declaração. « *Il reste à savoir si l'avantage de procurer à quelques particuliers, déjà riches, dix-huit pour cent de leurs fonds de terre, suffit pour autoriser le plus infame commerce dont les hommes se soient avisés, celui de leurs semblables.* » Tom. 1.º liv. 1.º cap. 19. do seu *Trat. de Economia-politica*. Assim pois Mr. Say podia errar em calculo, mas não errou em moral.

O seu Tratado que não é senão a doutrina de Smith reduzida ao metodo a clareza que a este faltãõ, emendada e refutada em alguns pontos, é sem duvida o que temos de mais completo na materia, e escrito até com elegancia e graça, e por isso citado geralmente na Europa. E todavia conserva alguns principios e opiniões do mesmo Smith hoje refutados, de que provavelmente se retratará, como d'algumas opiniões suas ingenuamente se retrata nas notas com que honrou a Obra de David Ricardo, a qual toda não val alguns Capítulos de Mr. Say.



## §. 8.º

*Que providencias se darão sobre nossas possessões d'Africa.*

Quando, com a pena na mão, encaramos no Continente Africano, o coração se dilata, a imaginação se inflama, e um tão vasto horizonte, como o mesmo Continente, se abre ante nossos olhos. *Que futuros destinos o esperão?* *Será enfim xegada a época em que a humanidade tem de vingar seus foros usurpados pela mais cruel e horriavel barbaria?* Assim o cremos.

A industria Europeia, bem como um fluido elastico que se dilata em todos os sentidos, não cabendo ja nos limites do mundo conhecido, rompe as barreiras, e vai buscar o homem por toda parte para o fazer feliz. A impulsão está dada, e não pôde já retrogradar; a civilisação vai fazer a volta do globo; e a Nação Portugueza, que tem a gloria de haver estreado a do Continente Africano, onde conserva estabelecimentos consideraveis, não levantará mão da obra. O sangue dos gloriosos Progenitores, derramado ali com tanto heroismo, está clamando aos descuidados Netos que não inutilisem tão cistremados sacrificios. (1)

(1) Que saudade não inspira o tom com que fala da Africa o immortal Filinto Elisio:

*Oh terras Africanas saúdosas!*  
*Por vós chora inda a Patria. Vós o berço*  
*Fostes dos seus Noronhas e Pachecos*  
*Em éras gloriosas.*

Abolida que seja a exportação dos Africanos, acaba o ramo principal que alimentava o commercio d'aquellas possessões, e naturalmente os Capitalistas transportarão seus fundos a outros paizes, e as abandonarão. Em tal caso a miseria será completa, e talvez mesmo que o Governo não tenha meios de conservar ali uma Administração, porque o commercio dos generos selvagens do Continente, inda que fosse maior do que é actualmente, não é o que ha-de fazer a riqueza e prosperidade d'ele.

Não ha por tanto outra coisa a que nos tornemos senão a agricultura. O clima é bom em muitos pontos; os braços formigão; resta sabelos aproveitar e empregar. Isto descção

*Alli e' o braço tinto em sangue Moura*

*O Fidalgo mancebo as verdes palmas*

*Corava ousado, para ornar na Patria*

*Os braços não-manchados.*

*Alli tomou o eremino, tomou forças*

*O Valor, a Virtude, que os luzeiros*

*Foi derramar nas Indias, e deu brado*

*Nas Cortes mal despertar, etc. etc.*

.....

Aproveitamos esta occasião para rendermos a este grande Portuguez um tributo publico de nossa admiração e respeito sem a taxa de lisonja, pois que ele terminou sua vida tão dolorosa como honrada. Suas desventuras bastarão para fazelo crêdor de nosso respeito pela nobre constancia com que as suportou, e pelo invencivel amor da Patria que conservou até o ultimo suspiro. Esta mesma Patria deve-lhe uma Corôa Lirica, pois n'este genero de poesia é sem duvida o primeiro em Portugal, e dos primeiros na Europa, com a grande ventajem de possuir um estro variadissimo. Sentimos cordialmente não podermos ajudar com informações os habéis e eruditos Autores dos *Anais das Sciencias*, publicados em Paris, para a elevação do monumento historico que pretendem consagrar-lhe em seu interessante Periodico, porque nada sabemos de particular do grande homem; e disso nos consolamos ajuntando este nosso piqueno brado ao pregão que elles vão transmitir á posteridade.



fazer Inglezes e Francezes, e isto faremos nós tãobem, forçados pelas circumstancias. Não daremos aqui um plano de cultura, e de colonisação, porque nem a natureza do discurso o permitiria, nem nós presumimos posuir o cabedal necessario para organisalo. Parece-nos com tudo que no caso de se adotarem estas ideias, duas condiçõis serião essenciais; 1.º fixar estreitamente e sem nenhuma modificação os portos d'aquelle Continente ao commercio estrangeiro: 2.º fazer transportar os productos da agricultura Africana directamente aos nossos portos do Brasil. N'uma palavra considerar a Africa como verdadeira Colonia, e governalá sob o mesmo regime. Uma navegação frequente entre estes dois territorios que se encaráo, oferece um não sei que de grande e respeitoso, que impõe á imaginação: parece-nos um preludio dos Cruzeiros que deverão fazer, um dia, poderosas Esquadras Luso-Brasileiras para disputarem o passo a quem ousar insultarnos, nas planicies do Atlantico.

Tendo pois de estabelecer a agricultura nas nossas possessões Africanas, e sendo necessario empregar os braços dos Selvagens, será indispensavel não deixar uma tal empreza ao arbitrio das Autoridades que ali governarem. Todas as tentativas feitas pelas outras Nações tem górado, porque os fundadores das Colonias, entusiasmados com ideias filantropicas eisageradas, tem querido principiar por onde deverião acabar.

¿ Reunir os individuos, doutrinalos, vestilos, sustentalos largamente, curalos em suas enfermidades, não são ja beneficios preciosos para miseros Selvagens, sem asilo seguro, sem segurança pessoal, victimas do barbaro alvedrio de seus Regulos, e em continua guerra de horrores e carniçaria humana? Por aqui pois é que se deve começar a grande obra da civili-

sação d'elles, e não tratalos como se fossem paisanos Europeus que se pretendessem reunir em Colonias.

Mr. Durand que administrou alguns anos o Senegal, faz prudentes e discretas reflexões a este respeito na sua Obra intitulada *Voyage au Sénégal* que se pôde consultar.

Remataremos com uma reflexão do ja citado Mr. Dauxion Lavaysse, a qual sendo trivial quanto ao fundo, não deixa de ter sua originalidade. Depois de estabelecer que não se transforma n'um dia, n'um ano, em dez anos, uma população de escravos em uma população de Vassallos e Cidadãos, pois de um a outro estado vai um espaço imenso, acrescenta: « Que » a feudalidade, mas uma feudalidade fundada em Leis sabias » e humanas, é talvez o melhor e o mais seguro meio de » amoldar á civilisação o escravo Africano e o Selvagem apatico » e indolente dos paizes quentes da America. ; Nossos Avoen- » gos (continúa ele) não passarão por este estado intermediario » para nos conduzirem ao estado de civilisação em que esta- » mos? »

João Jacques ja tinha dito, com a sua eloquencia nervosa, que a liberdade é um alimento de bom suco, mas de forte digestão, e por isso só conveniente a estomagos bem sãos; e aconselhando no mesmo lugar aos Polacos como se deverião haver para libertarem seus servos, diz: « Antes de libertar os corpos, cuidai em libertar os espiritos. Sem este preliminar, contai de sair mal com a empreza. » (*Gouvernement de Pologne* Chap. 6.º) Ora, entre os servos Polacos e os barbaros Africanos, e Americanos vai um espaço imenso. *Medio tutissimus ibis.*



**B**Rasilciros, meus amados Compatriotas: Ofereci-vos esta Obra e conheço que a oferta é piquena, mas vós deveis aceitála como penhor d'amizade; e tal qual é, só o meu grande entusiasmo pelo bem da nossa Patria podia obrigar-me a escrevela e copiala nos poucos intervalos que me deixavão os trabalhos de tres Tribunais em que era empregado. Mas quem poderia observar a sangue frio a soberba perspectiva que apresentava então nossa cara Patria? Ela vira realizado, e como por encantamento, aquilo que apenas coube na vasta e brilhante imaginação do judicioso Pombal, isto é, o Trono Lusitano transplantado para seu seio, e lançados os traços para levantar nele um poderoso Imperio para a Nação Portugueza, que soube cultiválo e defendelo de inimigos poderosos. Com tão poucos dias de elevação á dignidade de Reino, unido á sua gloriosa Metropole, ja o Brasil enviára Princezas para um dos primeiros Tronos da Europa, e a Augustissima Filha dos Cesares atravessára o Atlantico para vir dar sua Mão ao Príncipe Herdeiro da vasta Monarquia, Esperança e Delicias nossas.

Sofrestes na verdade grande perda (e quem o referirá sem lagrimas!) com o regresso d'ElRei, nosso Pai, para a Séde antiga do Trono de seus Gloriosos Madores; mas se ímperiosas considerações de interesse geral da Monarquia o xamáráo, uma respeitosa resignação da nossa parte é um dever sagrado: e se sua Patria saudosa reclamava sua Presença, ella tinha a prioridade da posse, ir enxugar suas lagrimas era de justiça rigorosa.

Mas nem por isso deveis desanimar, vossa prosperidade não pôde ja retrogradar. O nosso Augusto Monarca, que viu, apalpou e meteu a mão no estado de coisas em que vos axais, e conhece bem vossas precisões, de qualquer ponto da sua vasta Monarquia, difundirá, como Sol vivificante do corpo social, suas eficazes e sabias providencias. Alem disso a nova organização politica que se vos destina, remediara todos os inconvenientes; porque xamados pela Representação Nacional a cooperardes para vossa felicidade, \*proporeis vós mesmos os planos e providencias para o bem de vossos Municipios. Vossas supplicas não serão, como outrora, papeis avulsos, sem recomendação, e sujeitos ao despotismo ou ignorancia de Ministros sem responsabilidade.

Meus olhos não poderão acompanhar por muito tempo vossa prosperidade crescente por ter depassado mais de dois terços da vida comum que vivemos, nem sei mesmo se o destino que me persegue permitirá que minhas cinzas sejam depositadas entre vós; e nesta triste consideração axa minha alma um saudoso desafogo em vos transmitir como em legado as seguintes reflexões, que alguns de vós me ouvistes em tempos mais afortunados para mim.

União, amados Compatriotas, união sincera com a Gloriosa Metropole que vos deu o sêr, que vos alimentou, vos educou e instruiu; que para fundar, povoar, policiar e enriquecer vossas Vilas e Cidades, e para vos arrumar no caminho da elevação, da grandeza e da gloria que vos espera, despoovou-se a si, consumiu fazenda, derramou suor, lagrimas e sangue, e tem por Leis Divinas e humanas um incontrastavel direito adquirido á vossa gratidão e respeito filial, assim como á participação de todas as vossas ventajens sociais. Se as Socie-



dades civis são um agregado de famílias particulares, os direitos e deveres que ligão e rejem as famílias são transcendentés ás mesmas Sociedades com a unica differença da existensão da esfera. Nem o Creador podia ser contraditorio ; e nem ha verdadeira Politica senão fundada na Moral. Alem disto não são precisos telescopios para divisar que a America ha de influir nos destinos futuros da Europa , e que um ponto no Continente dela tão precioso como Portugal , que todos invejão , oferecerá ventajens\* inapreciaveis.

União, amados Compatriotas, união sincera com todas vossas Provincias. Vós sois o mesmo povo, com as mesmas Leis, costumes e habitos, ligados por sangue e interesses, e precisais de mutuos socorros. Separados podereis gosar d'alguns dos commodos sociais, mas só reunidos podereis xegar ao gráu de prosperidade, grandeza e força que vosso territorio e posição geografica vos designão e afianção. Passou a era dos Estados piquenos ; todos tendem hoje a dimensõis colossais, a despeito de encanecidas teorias politicas d'alguns energumenos furiosos. Reparai como marxão os Anglo-Americanos a formarem um só corpo desde o Canadá até as Floridas, e das Costas do Atlantico até a Contra-Costa do Grande Oceano ; e vós deveis fazer-lhes o contrapèzo na parte oposta do Continente.

Em fim xamai para vosso seio as Sciencias e Artes de Nacionais e Estrangeiros ; elas tem tãobem seu comercio entre si, e amão a dilatar-se e comunicar-se ; mas reparai que são mui-to melindrosas e delicadas, querem-se muito ameigadas e afagadas : dai-lhes toda liberdade e proteção possiveis, aliás vos escaparão, e não voltarão.

Conservar  
esta folha